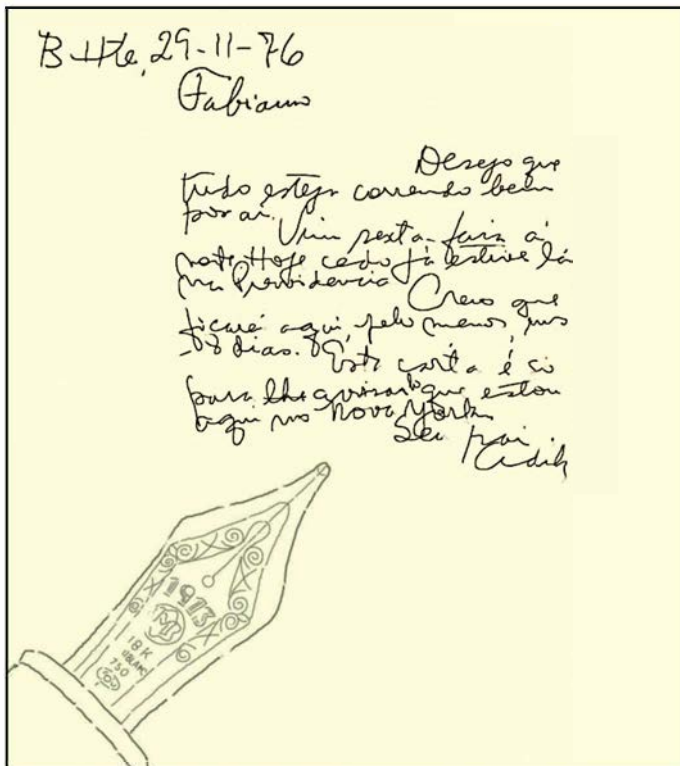


Pai,

um conto sem ponto



Fabiano A. Salim



mondrongo

Fabiano A. Salim

Pai,
um conto sem ponto

1ª Edição
Ilhéus - Bahia
Mondrongo
2015

Pai Um Conto sem Ponto

Copyright © Fabiano A. Salim

Copyright © Mondrongo

Coordenação editorial: Gustavo Felicíssimo

Capa: Tales Ramalho Salim

Editoração eletrônica: Ulisses Góes

1. Contos brasileiros 2. Literatura brasileira

ISBN: 978-85-65170-82-6

Todos os direitos reservados

MONDRONGO

Itabuna: Rua Sóstenes de Miranda, 178 | 1º Andar
Centro | CEP: 45.653-200

73.3215.6107 | 8842.2793 | 9147.0223

contato@mondrongo.com.br

www.mondrongo.com.br

Para
Meu pai Adib (em memória)
Minha mãe Vicência

*“Aquele doce que ela faz
Quem mais saberia fazê-lo?
Tentam. Insistem, caprichando.
Mandam vir o leite mais nobre.
Ovos de qualidade são os mesmos,
Manteiga, a mesma,
Iguais açúcar e canela.
É tudo igual. As mãos (as mães?)
são diferentes”.*

Carlos Drummond de Andrade

NOTA DO AUTOR

A literatura em forma de contos sempre me fascinou, tornando preferência.

Esta manifestação literária, apresentação de textos curtos, com início, meio e fim, sincronizados em palavras poucas, me empurraram para tentar colocar no papel passagens e algumas reflexões que, inevitavelmente, acumulam com a idade.

Assim, para não deixar escapular experiências que parecem querer transbordar dos vasilhames vividos, resolvi registrar.

Depois achei que com eles poderia participar de concursos de contos onde tive alegrias na conquista de prêmios.

Percebi então que muitos, embora passados para o papel, continuavam soltos em pasta ou esparramados em coletâneas editadas pelos concursos. Foi então que tive a idéia de reunir alguns neste livro.

AGRADECIMENTOS

No início, considerava um conto concluído depois de enviá-lo a diversas pessoas pedindo sugestões no velho “o que você acha?”

Fizeram parte desta empreitada meus filhos, meus irmãos, meus amigos e minha companheira.

Quero aqui deixar claro que foram importantes, não ficaram apenas nas linhas que encaminhei, ultrapassaram, estimularam e geraram a confiança que precisei, marcante em todo começo.

ÍNDICE

Nota do autor.....	09
Agradecimentos.....	11
Pai, um conto sem ponto	15
Um conselho	23
O Asilado	29
O Visitante	39
Os quadros	53
Segredo de túmulo	61
Morte aparente	69
A Adúltera.....	79
Aflicção.....	85
O beerrão	91
O relógio.....	99
Zé Bonitinho.....	107
Os anjos	113
O encontro	121
Gringo Iacó.....	129

PAI, UM CONTO SEM PONTO

*Conto Vencedor do Concurso Nacional de contos
Senac/Livro de Graça na Praça- Belo Horizonte /2012*

Este conto é dedicado a Adib Salim Abdalla

Pela imigração libanês, pela criação mineiro, um árabe brasileiro vindo do pé da Serra da Boa Esperança, dos Gerais, dos Campos, atirado, conceito da sinceridade, honesto, cauteloso, quatro filhos diferentes entre eles mas todos espevitados nos estudos como melhor garantia dos nascidos sob as asas da remediada finança, uma esposa no sempre concordante, ele, a locomotiva da família, sempre dono de retitude moral incontestável, destemido, deixou a capital de onde nunca saiu e rumou na busca de novos belos horizontes na distante região até então conhecida como Sertão do Triângulo Mineiro onde conquistou admiração e muitas amizades, mas poucas com a abertura para brincadeira, liberdade demais ou malícia indireta, era também, ao mesmo tempo, dotado de uma presença de espírito apurada, atento aos detalhes, espírita em muito das incertas coisas, brincava com as palavras fixando em nossas mentes colóquios desconhecidos ou doutras épocas como que “a gonorância é um estorvo”, “hoje ele está obtuso”, “deveras meritório”, “aquele

velhaco é estúrdio”, “por bem assuntar a verdade” e tantos outros vocábulos que aqui e ali, no descuidado de uma conversa, estava eu empregando e causando olhares de estranheza, na alegria ouvia-se de meu pai um cantarolar quase sempre da mesma canção que começava soprada em uma divinatória e se calava ao fim de um lá..lá...lá sem a prosódia de um desfecho, na inspiração poética cognominado Príncipe Árabe e, no de vez em quando do cotidiano, chamado turco como muitos imigrantes árabes aqui desembarcados ou seus descendentes, uma vida reta, certa, precatada, servidor público, alma sem muita calma, agitado nos afazeres, nervoso nos relacionamentos, sereno sem dar trégua às calmarias mas acautelado, comedido nas opiniões, amante de um bom livro, jornais, idiomas, musica, entusiasmado também pelo trivial de um futebol qualquer, de uma loteria se jogo de azar ou não, de um cafezinho que era uma pérola, de uma praça como liberdade, tinha no rádio de pilha um companheiro cantador, contador de notícias ou conselheiro econômico, tomava tento de tudo e os pensamentos não pairavam, não voejavam nem manobravam em sua mente, era rápido, conclusivo em qualquer situação, era incomum mas não estranho, não chofereava mas era pertinaz para não pegar carona nos pensamentos de ninguém, figura de fácil caricatura pois, independente do clima, portava sempre um paletó sobre a camisa de mangas compridas, formando uma estampa

com o traço forte de um nariz agudo sombreando o permanente pito de palha prensado entre os dentes, elaborado com a paciência de um fumo mal picado enrolado artesanalmente em palhas selecionadas, o derradeiro vício, abandonado após recomendação médica entre tantos antes sacudidos fora como promessa de casamento, talvez não vício, mas hábitos que permitiram o enredo de histórias marcantes de um período que com o tempo passaram a ser narradas na curiosa forma dos causos que estabelecem valentias como as que resultam em apenas cristaleiras quebradas, em danças de cavalos no bordel, num tiro de espanto bem acertado, em ponta de botina na retaguarda carnuda de marmanjo, na coibição de injúrias contra crianças e muito mais, são apenas pinceladas daquilo que denominamos conteúdo que cada filho armazena para estabelecer a imagem de um pai, suave ou casmurra, não importa, o que vale é contar com uma cimitarra segura de opinião, com uma lua crescente de sabedoria, com um fio de bigode de palavra certa, com uma cruz de equilíbrio ou qualquer linha guia de conduta capaz de personificar um louvamento brilhoso e marcante de uma memória inapagável, de manter uma ditosa lembrança de um mesmo lugar em uma mesma mesa, que, embora um dia vazio, carrega a perpétua recordação de um querido, velho e amigo que nos faz voltar em muitos lugares onde estivemos lado a lado em horizonte comum, e é o que faço, mas os lugares hoje não

são mais os mesmos, tanto numa movimentada Rua São Paulo, Rio de Janeiro ou Curitiba, como na Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná ou Espírito Santo, pontos de um espaço no qual encontram-se os Goitacazes, Tupis, Tamoios, Guajajaras, Tupinambás, Carijós, Timbiras ou Aimorés, todas as tribos em todas as ruas ao mesmo tempo, mas tudo alterado, estive lá, queria dizer para ele, querido, as coisas não andam mais como eram, ou não andam, ou não são, transformaram tudo em sentimento vago, em uma agonia de mistério, em um tipo de perda que não pode ser consolada, apenas comparada a uma noite de firmamento escuro com seus distantes asteróides de brilhos questionáveis, que me fazem pedir o diurno, o claro, onde sempre percebo um terno céu azul salpicado de estrelas formadas por furos deixados pelas centelhas reboladas do seu cigarro de palha, verdadeiro poema com início, meio e sem fim, mesmo com o manhoso tempo que sempre chega munido da urgência de uma bengala, de um chapéu protetor, de um dorso curvado, de gestos lentos, tudo chegou, menos a perda de memória pois ele, soberano, lembrava de tudo, detalhava tudo, o que o autorizou chegar àquele inesquecível velho de ares astutos, corajoso, prorrompido, com orgulho do passado e sempre esperançoso do futuro, futuro iniciado no dia em que se foi, mas não nos deixou nem nos abandonou, apenas foi na frente, na posição que sempre ocupou no pelotão da família, foi primeiro, viajou daqui para

melhor nos acolher do lado de lá, no continuado da história onde o pai é a referência, o mito, a lenda, o orgulho, o rico exemplo, a prosa de amor, o mote para cantorias de todos os ritmos e livros de todos os estilos, ele ainda existe, está aqui, me acompanha, é o sinal para meu conto sem ponto final

UM CONSELHO

*Conto publicado na primeira edição da Revista
Imprensa na Praça/ Belo Horizonte. Dezembro 2013*

Cabeça confusa é albergue de angústia. Coisas semelhantes já diziam os antigos.

O homem estava em descontrole. Percebia que rondavam a intolerância, a intranqüilidade, a impaciência. Viu-se na carência de um conselho, quiçá socorro.

Já não dormia bem. Apenas passava a noite sem sonhos, com o sono sem sair de ensaios. No insuportável vira e revira, de apenas amassar lençóis, chegou ao limite, brotou a decisão. Antes de o sol aquecer o dia, saltou da cama, se vestiu e resolveu falar com o pai. Foi. Andou ruas, atravessou avenidas. Chegou. Um parque, uma colina, uma saudade. Permaneceu um bocado em pé, minutos, hora talvez. Sentou. Buscou organizar as ideias. Passou um tanto em branco, acomodado, ocioso na mente. O tempo no aquecimento foi denunciado pelo calor do granito de cor marrom café. Não falou com o pai de pronto. Esperou. Perambulando nas idéias foi empurrando os minutos.

O céu estava limpo, de brigadeiro, o sol deu sinais de como seria o resto das horas, na mormaceira,

no escaldador.

Ficou ali sentado. Viu aves assentarem no logo ali das raleadas árvores. Eram apenas passarinhos. Naquele momento, indiferentes para ele.

Observou formigas vaguearem pelo chão ao redor de seus pés. Viu insetos sobrevoarem o murcho ramalhe-te arranjado. De uma semana. Miseráveis, pensou ele.

Continuou sentado.

Leu a inscrição na lousa que já sabia de cor. Duas datas apenas que, antecidas pelos sinais, significavam muito. Eram números que se transformavam em um longo texto, prefácio e epílogo de uma história.

Tentou imaginar como teria sido a infância dele. Dispensou as suposições. Então desdobrou em atravessar reminiscências buscando uma ordem cronológica do que ficou marcado. Começou com os mais distantes que apenas desenhavam um ofuscado perfil do pai. Forçou a memória e vieram lembranças mais seguras, permeou, chegaram as mais recentes, cada uma, até a nitidez do último dia.

Estava ali para falar de ajuda, mas se deixava passear no rodamoinho dos fatos. Releu a pedra tumular. Questionou o porquê, a estrela, a cruz. Qualquer explicação era exígua.

Decifrou mais uma vez as inscrições na lápide. Simples na leitura. Volumosa para quem ali revivia, recordava, repassava acontecidos.

O sol a pino. Ele permanecia por ali.

Longe viu um grupo que se fechava em roda. Devaneou sobre aquele momento que todos têm que passar. Inevitável. Uns hoje conduzem, outros são carreados. Papel contínuo sem troca de cortesias. Um dia é certo, sempre chega, concluiu lamentando a hora que foi a do pai. Remontou muitos dias. Os dos pais, natais, passagens de anos, aniversários.

Assim como o sol intransigente, continuou ele firme em seus pensamentos. Dali não arredou pé, permaneceu sentado, meditabundo. O rigor e a monotonia da laje não incomodavam.

Levantou a cabeça. Viu não muito distante um muro. Fez atenção. Quis entender que ele não era apenas tijolos. Neste momento, como num estouro, alguma coisa despertou sua alma. Talvez a percepção de que aquela alvenaria divisava dois mistérios. Do lado de fora corriam as vidas, velozes, em avenidas agitadas, desorganizadas com seus prédios. Do lado de dentro aquietaavam outras existências, tranqüilas, organizadas em ruelas e alamedas com suas mínimas moradias.

Percebeu que os pássaros continuavam pousando e alçando vôos das mesmas árvores. Já admirava.

Novamente abaixando a cabeça atentou para o zanzar da pequena fauna na terra solta, depois os pairadores mosquitinhos na sobra das flores. Já gostava. Eram vidas.

Levantou a cabeça. Sentiu novamente a leveza que os desandados dos últimos tempos haviam lhe furtado. Explorou a paisagem. Estancou os olhos no

muro novamente. Perguntou a si mesmo se aquilo era apenas uma divisa para os terrenos, se poderia determinar o limite para a busca de certos que não entendia ou se significava a fronteira das dimensões. Um alívio derretia em seu peito.

Julgou ter percebido raios. Não choveu. O céu permaneceu imaculado. Continuou absorto até chegar o claro sinal da noite, aquela noite, com indizível limpidez. Só então resolveu fazer o pedido ao pai em poucas palavras pensadas. Só queria uma opinião. Quem sabe um ensinamento, coisa simples, alguma atividade, uma ocupação certa que o fizesse liberto dos hesitantes que transavam em sua cabeça. Que saíssem todos. Que chegassem as essências.

Estava decidido. Ambicionava a prudência da liberdade.

Ao chegar em casa, renascido no campo da esperança, achou por bem anotar aquela data. Pegou um velho caderno e o fez na primeira linha de uma página em branco. Já na segunda linha registrou o pedido. Vieram então os motivos. Prosseguiu passando lápis, ocupando pautas, virando folhas até perceber que precisava de um caderno novo. Providencial. Foi a partir daí que começou a escrever poesias, poemas, contos.

O ASILADO

*Conto vencedor do I concurso Literário
"O velho Matemático", Brasília 2012*

Casarão comprido, avarandado, alpendre que abraça de ponta a ponta uma fachada com linhas antiquadas. Ali ele senta, anda de um lado para o outro, encosta na pilastra, debruça no parapeito, traz à memória o que foi sublinhado ao longo de sua vida. Toma lembranças, alça vôos para o bem longe, pouisa, repousa arrematando acontecidos.

Todos os dias longas horas pela manhã. Outras tantas pela tarde. Sentinela. Testemunha de tudo que se passa até onde a vista alcança, um trecho de rua, seu mundo donde conta pássaros encasquetando com o atrapalho dos próprios números, bate o pé e esbraveja um “*passa-tiu*” espantando os vira-latas, emite um “*chiiiiip*” esticado fazendo gatos sumirem pelos muros, observa carros, joga palavras aos pedestres. Com a mão espalmada saúda os adultos, com o dedo em riste ralha com a molecada. Murmura xingamentos contra certos passantes, resquícios de soberba que ainda mareja, discriminação impregnada em época distante, tempo de luxo que, num repente, desvaneceu com os negócios desandados.

Todo o seu tempo naquele alpendre trincheira de nada serve além de assistir projeções sem tela, imagens da própria vida equilibradas no nada. Bate asas. Paira sobre épocas remotas. Ri sozinho. Monologa. Contentamentos externados num “*a-ha!!*” Desprezos num “*Hum-hum!!*” Balança a cabeça. Choraminga no varejo. Fios de lágrimas correm pelas carquilhas da face senil. Se de felicidade, se de tristeza, só ele sabe.

Como em encanto tudo se transforma ligeiro, então começa a rever a glamorosa sala do cine-teatro, presença obrigatória aos domingos, matinê para assistir seriados, não ficar por fora dos comentários da semana seguinte sobre o último capítulo, comprar guloseimas na mão da gorducha baleira com seu costume de querer voltar trocos transformando suas balas em moeda corrente. Foi ali, durante a sessão com a tela penumbrando em preto e branco, com um gostoso aroma tutti-frutti esparramado no ar, que experimentou, sem jamais esquecer, o primeiro beijo esfregado na boca:

- Na iniciação achei uma coisa molhada, depois percebi o tanto que era bom - lembrou. - Êta. Depois nunca mais perdi chance - arrematou ele com rizinhas que escondia com a mão fechada sobre os lábios, tentando despistar como se alguém por ali estivesse e pudesse ler seus pensamentos.

Também da mesma varanda repisa velhas ruas da cidade, calçamentos transformados em tapete para pomposos desfiles comemorativos. Chega a sentir a sensação

de um corpo adolescente dentro de um uniforme de gala, ouve os aplausos de quem assiste formando um cordão ao longo do meio-fio. O peito enche de orgulho:

- Nossas cores são mais vistosas, nossa fanfarra a mais entoada - Tece ali mesmo a rivalidade que existia nos tempos de colégio.

Revira os olhos ao lembrar os circos instalados nos terrenos baldios da cidade, seus malabaristas, mágicos, trapezistas, animais, a garotada engrossando o cortejo atrás do palhaço perna de pau que com aquela altura toda, o narigão vermelho, a cartola enorme cheia de cores, circulava pela cidade anunciando o espetáculo: *"hoje tem marmelada? Tem sim senhor! Hoje tem goiabada? Tem sim senhor! E o palhaço, o que é? È ladrão de mulher!!!"*. Suspira profundo:

- Ah! O globo da morte. O Globo da morte é o mais emocionante - Revisita os tempos idos como se estivesse saindo de um espetáculo circense naquele momento, já a caminho de casa, com a nitidez de tudo que foi apresentado.

Pensa na igreja matriz, o sufocante domingo da primeira comunhão onde teve que ficar sério, seguir tudo o que foi treinado, o momento certo de ajoelhar, a forma de segurar a vela, o catecismo decorado, o semblante de seriedade para pedir a Deus o perdão pelos pecados:

- Eu tremia dentro das calças o tempo todo - fala para ele mesmo.

Quantas lembranças. Doces e amargas. Se não

transforma o progresso no hoje, o imagina pelo menos em um ainda ontem, como as gincanas disputadas no colégio esparramando equipes pelos cantos da cidade à cata de cédulas antigas, selos, edições de jornais, revistas, fotografias doutroras:

- A mais divertida delas foi quando o povaréu amontoado, esperando a apuração das tarefas, escafedeu por causa de uma vaca brava que, perdida no estouro de uma boiada que atravessava pela periferia, sabe-se lá de onde para onde, no de repente apareceu com as ventas faiscando e quanto mais as pessoas gritavam, mais a danada enfurecia. Até a policia correu - contava ele, para ninguém, o acontecido, com palavras emboladas às gargalhadas.

Holofotes das recordações iluminam aqui e ali, salpicam vivências. Tutano em ebulição. Tenta reviver, nada mais. O longínquo exerce domínio arbitrário. De repente um sorriso no canto da boca some dando lugar a um rosto carrancudo. Volta ao ponto de partida, acha graça, sorriso passageiro, novamente se irrita, sacode a cabeça, amua.

As horas já não importam. O relógio do seu cérebro, já sem mostrador, se resume num pêndulo que, no vai, pinça um fato distante e, no vem, despeja-o no agora. Julga reconhecer a todos aqueles que seu olhar capta, mesmo ao longe, mesmo que pela primeira vez. Traça comparações. Semelhanças trazem figuras de parentes, de amigos, passados na maioria, como se estivessem na sua frente.

Prosa boa quando não demorada. Contando casos, histórias pela metade, desperta a curiosidade de quem entra, de quem sai ou mesmo de alguém, funcionário daquela casa de repouso, vindo lá de dentro para trazer uma matulinha em horas marcadas. Fisga os ouvintes com simpatia, troca os nomes, pergunta quem é, filho de quem, se confunde no tempo, amarra o recente, desata o distante numa esbagaçante demência.

Certo dia falou da necessidade de reunir com o irmão sócio. Ensaiou discurso para o convencimento sobre uma transação de oportunidade. Na confusão mental, com a cara amarrada, exprimiu um “*ah é!!*” quando alguém chamou sua atenção para o fato de que tal irmão falecera, fazia tempo.

Se num trisco de recordação algo intriga, começa a andar de um lado para o outro, passos pesados num espacejamento cada vez menor, mãos postas para trás, dorso curvado, cabeça pendendo para baixo como quem busca alguma solução entre as idéias socadas em um jacá onde flutua o antigamente soterrando o atual.

Reminiscências em metamorfose. A infância, a juventude, o casamento, o trabalho e mais um tanto que formam seu novelo dos tempos que o raciocínio quer desenrolar, organizar períodos, mas acaba em uma ponta esgarçada, fiapos de um presente sacudido como se não existisse.

Para ele ainda é contemporânea a agitação que foi a vida no comércio. Destacado sobrado colonial na

praça principal, estabelecimento afamado, letreiro com o sobrenome da família em uma placa caprichosamente cravada sobre cinco portas de acesso ao enorme balcão em madeira do maior Secos & Molhados da região. Esplendor de uma época asfixiada, ponto de negócios restado em fotografias, observado por um bom tempo como casario abandonado até ceder lugar ao primeiro prédio da cidade, moderno, com elevadores.

Franze o cenho, levanta a testa. O juízo sapeca na inundação, embola, angustia, confunde o que deveria ser só saudade como se fosse possível, em águas invertidas, com escorrimento ilógico ribanceira acima, desaguar de volta no minadouro de origem pura, sem afluentes, reprotégido pelo ventre materno. Fecha os olhos ao modo de quem conversa com Deus, abre, fecha novamente como em agradecimento.

Novo pensamento, velho em folha, a cabeça um verdadeiro balaio. Caminha uma vez mais naquele ambiente em piso encerado de cimento vermelhão, paredes encobertas com azulejos de estampa démodé, samambaias capengado de xaxins fora de moda. Vai e vem que desconforta as pernas. Senta em uma das cadeiras almofadadas compondo o retrato do novo lar de sossego. Pernas cruzadas. Mãos emendadas com dedos entrelaçados ao redor do joelho. Pé equilibrista. Chinelo na ponta num balanço descuidado. Olhar fixo, cismado, matutação danada.

Lembranças são atropeladas, amontoadas. Preo-

cupação com o filho mais velho que naquela hora dorme no berço, mas que, na realidade, é pai de seus dois primeiros netos. Fica apreensivo ao pensar na mulher em repouso no quarto esperando mais um para a extensa prole, caçula que morreu na primeira primavera da maioridade, acidente que a memória rebolou para longe.

Novamente em pé vigia a rua. A cabeça gira para a esquerda e para a direita, um pra lá e pra cá embaçado pelo cantarolar de uma canção bem conhecida, sucesso de outra época.

De repente na esquina dobra um menino que, cantarolando a mesma melodia, chuta uma bola, faz longos lançamentos para ele mesmo. Desta vez o observador não manifesta, apenas acompanha atentamente aquela carreira desengonçada e, antes que se fizesse vulto, num arranque de pensamento, se vê na rua correndo, alcança o menino, troca passes com ele, toma o lugar dele, vê os próprios cambitos saírem do calção azul da roupa escolar, os joelhos subindo e descendo, as pernas encolhendo e esticando num guiamento rápido até o velho campinho. Chega. Está na sua frente a antiga cancha, terreno pouco inclinado, desconforme na alternância de terra batida com vegetação rasteira ordinária, traves improvisadas sustentadas com pedras malarranjadas. Estava ali pronto para mais uma peleja, jogo disputado num sonho acordado, seu time maior é só alegria. No imaginário um placar favorável, está em campo ele mesmo como o astro,

corre, chuta, aplica dribles desconcertantes, um após outro, entra na área, gol escancarado, rede balançando em mais um tento de placa, torcida vibra, abraça os companheiros.

Passa. Uma nova preocupação desarruma tudo, outro pensamento avoluma, esparrama, derrete o jogo. Assim encaminha as idéias para outro longe:

- Tenho muitos deveres, a professora carregou na lousa, passou os deveres para casa um atrás do outro. Será que ela não tem dó da gente? Mas ela é boazinha. Brava, mas boazinha. A mamãe me ajuda nos exercícios escolares. Não muito. Acho que ela não sabe tanto também. Papai sim sabe tudo, mas acho que não tem tempo.

O entardecer manda recado. Então gira a maçaneta, entra, larga na varanda apenas um dia a mais grudado na pena de uma memória de menos. Com o cansaço de hora marcada balbucia:

- Já é tarde mesmo, se não vou mamãe vem chamar, tenho que entrar, tomar banho, esperar meu pai chegar do trabalho trazendo sempre um pacote debaixo do braço, surpresa em embrulho de papel.

O VISITANTE

*Conto Vencedor do Concurso Nacional de contos
Senac/Livro de Graça na Praça – Belo Horizonte/MG/2013*

Sabia, pelas ligeiras resenhas da mãe, que o pai saíra da casa dos pais cedo, muito cedo, antes da maioridade, para nunca mais voltar. Tinha ideia, também por pinceladas aqui e ali, sobre os estudos, a maturidade, o homem, os primeiros empregos, o casamento então tarde depois dos quarenta. Mas da infância e adolescência, sabia nada.

Este pouco conhecimento sobre os primeiros anos da vida do pai o cobria de curiosidade. Intrigava. Coisa fixa na cabeça. Pela mãe, pouca notícia. Pelo pai, respostas dificultosas quando não um olhar sistemático, obtuso.

Não conheceu os avós, não conviveu com os tios. Com tal sorte moía, remoía nas abstrações

Décadas após a passagem do último do lado paterno, resolveu. Desembarcou ao amanhecer na pequena cidade para conhecer o local onde o pai viveu o antes de sair de casa. Encontrou um casarão abandonado, caiado em amarelo, carente na conservação. Esquinado na esquerda, pela direita apresentava um muro esticado ligando a casa a uma capela.

A fachada colonial mostrava uma parelha de portas sucedida por uma janela grande, depois uma terceira porta e duas janelas mais, conjunto pintado em vermelho tijolo. O número 806 dava remate ao endereço, patrimônio pertencente a um espólio que precisava ser levado a cabo, inventariado só

Com os primeiros bafejos do sol, raiar preguiçoso de inverno prometendo aquecer o dia, o recém-chegado contemplativo ficou em frente da casa um bom tempo. Tentava imaginar o pai criança saindo pela porta principal e ganhar a rua. *Para fazer o quê?* Ficou nas conjeturas dentro de um imaginário. O outrora.

Repetidas vezes andou de um lado para outro. Reparou tudo. Chegou até a esquina. Virou. Lentamente começou a caminhar ao lado da casa. Como carinho tocava o reboco com a mão espalmada, notava detalhes, a beira, a eira.

Depois da casa, na mesma cadência, seguiu acompanhando uma grande murada adjacente que abraçava um terreno enorme, um quarteirão quase. Parte desmoronada mostrava os adobes. Saltou um monte deles largado na calçada. Por uma brecha entrou na imensidão do quintal. A primeira imagem foi de um capim tomando conta de tudo. Com mais atenção apurou árvores frutíferas esparramadas, decadentes, sufocadas pelo matagal.

Passeou com dificuldades pelo terreiro. Contornou um resto de aramado grudado em um portão des-

pedaçado. Chegou ao fundo da casa. Sobras do que provavelmente foi um tanque de lavar precedia uma escadaria ao lado de um porão aberto, chão batido.

Compulsivamente desatou a pisar os degraus de cimento grosso. Em cada passo uma pergunta buscando compreender um passado que, num hoje sem rastros, subia e descia por ali. Forçou a pesada porta. Não encontrou a resistência suposta. Entrou em um cômodo onde destroços de um fogão à lenha, no centro, declaravam ter sido ali a cozinha, espaço único com clareza pela exclusividade de um vitrô que emoldurava, lá no longe, a silhueta azul cinzenta de uma serra, o começo dela, uma boa esperança. No resto da casa, robustas janelas fechadas com suas bandas de madeira impunham a escuridão, a ventilação quase nada, o cheiro ácido.

Tentou avançar. Esperou avezar com o breu. Pequenas gretas como clarabóias no arqueado telhado socorriam salpicando luminosidade baça, permitindo vislumbrar, se isso ou aquilo, as partes componentes daquela construção.

Não se sentia um intruso, mas sim um visitante, adulto e criança no mesmo, com a ansiedade da primeira vez em um grande museu, em um esplêndido parque de diversões.

Investiu. Entrou no segundo cômodo. Contíguo à cozinha, a copa por dedução. Percebeu o forro em ruínas, parte no chão, parte por cair. O piso em tábu-

as, cheio de frestas, exigia cautela, impossibilitava o alcance de qualquer janela.

Pé por pé rompia. A iluminação no sempre desmaiada. Sobre a cabeça os morcegos cruzavam de um caibro para outro. Notou uma porta à esquerda e duas à direita. Três quartos provavelmente. Em um deles, seguindo para o fundo, outro cômodo sem porta.

Continuou andando. Chegou a um lugar espaçoso, a sala de visitas supôs. À esquerda, porta escancarada, um aposento mais. À direita, outra abertura, acesso a um cômodo onde a luz de fora infiltrava, formava os contornos de duas portas e avançava por um vão enorme projetando um balé de penumbras.

Parou. Pensativo não aluiu pé por um tempo como se chegasse ao fim de uma expedição. Ainda quando tangia o que tinha visto, escutou com estranheza o badalar de um relógio. A cabeça ficou oca. Depois de uma espera para reordenar as idéias, desacelerar o coração, rumou na direção do som. Desconfiado chegou novamente à copa, tudo nela diferente, arrumada em detalhes, clara como em um dia ensolarado.

Na parede o carrilhão continuava seu tic-tac. O forro em esteira de taquara estava no lugar mostrando o trançado bem feito, perfeito. Compondo o ambiente, uma mesa em madeira maciça acolhia oito cadeiras com assento e espaldar em couro trabalhado, tachados. Em cantos distintos, duas cristaleiras arrogantes, torneadas. A vidraria brilhava. Noutro encontro da al-

venaria, junto à mesa, um aparador com uma esmeralda toalha branca ao longo.

Voltou à cozinha. No fogão a chama estalava as lenhas. Na chapa quatro panelas de ferro borbulhavam seus caldos. Em um dos lados, um armário verde pálido ajustava, no ângulo formado com a parede, um paneleiro suportando bule, chaleira, frigideira. Tudo brilhando de limpo, no asseio. Ainda fazia parte do conjunto uma mesa rústica, comprida, ladeada de ponta a ponta por dois espichados bancos sem encosto

Começou a andar pela casa toda. Todos os compartimentos rigorosamente organizados. Camas com lençóis estendidos. Móveis encerados. Peças lustradas.

Correu para a sala. Percebeu o assoalho escovado. Ao lado da porta adornos cravados na parede pendiam chapéus e guarda-chuvas. Quatro cadeiras e dois sofás bem arranjados, início do século XX, compunham o ambiente rodeando um tapete pardo. À esquerda, um quarto com uma cama estreita. Na outra extremidade, uma porta ligava a sala à explicação para a incomum dimensão que chamara sua atenção momentos antes, um armazém considerável onde um balcão, talhado em grossas tábuas escuras, além de suportar uma balança, caixas e potes diversos, separava as duas portas das prateleiras abarrotadas de mercadorias. Eram botinas, galochas, bengalas, estribos, ferraduras, penicos, lamparinas. No meio um estrado amparava sacarias abertas que, com as bordas dobra-

das, mostravam o sortimento de milho, arroz, feijão, farinha. A nitidez dos pormenores encabulava. O perdido no tempo estava ali.

Da mesma direção de onde veio o som do relógio escutou, sobressalto menor desta vez, o choro de uma criança. Sem a espera de reposição, voltou à copa, entrou em um dos quartos. No que antes não atinara, percebeu que eram dois quartos conjugados. No primeiro uma cômoda com gavetas largas, uma penteadeira, uma cama de casal e nela, encostada na cabeceira, uma mulher que aconchegava uma recém-nascida. Um jovem bem trajado, imponente com suas vestes em linho, levantou de uma cadeira ao lado da cama e saiu no momento em que a mãe iniciava a amamentação calando a criança. Ao fundo, no outro quarto separado por uma fina cortina, um berço, um cabideiro e um baú.

O visitante prosseguiu com sua andança pela casa. Um quê de explorador aflorou. Encontrou-se. Reconhecia tudo. Nada mais era estranho. Sentiu-se acomodado como se pertencesse a tudo que via.

O vai e vem continuava. Em seguida viu o dono da casa atrás do balcão. Uma figura esguia, estatura mediana, fisionomia alegre, carismática, de confiança. Atendia fregueses que entravam e saíam pelas duas grandes portas que davam para a rua. Fazia contas, acertava um fiado, anotava outro, devolvia troco. Agradecia num volte sempre.

Retornou à cozinha. Da janela reparou o quintal

sem o mato, bem varrido até o alambrado. Do outro lado a horta e os bem tratados pés de frutas. Percebeu uma serviçal esfregando e enxaguando roupas no tanque.

Continuou perambulando pela casa. Incansável. Passava pela cozinha, voltava para a sala, entrava em um quarto, retornava para outro. Parava, reparava aqui, olhava ali. Observava cada móvel, cada objeto, cada utensílio. Um desbravador como que repassando as descobertas, confirmando.

Mais um choro. Voltou ao quarto. Uma segunda criança a mãe, em pé, ninava. A primeira dormia no berço.

Outra vez foi para a cozinha. O visitante reparou que a criança que estava nos braços da mãe se encontrava ali, encostada no rabo do fogão, com ares de primeiras travessuras. Com o olhar acompanhou sua saída para o quintal. Aproximando da janela viu que lá estava o menino já mais crescido. A companhia da irmã mais velha parecia não interessar. Mexeu em alguma coisa no galinheiro, abriu o portão do alambrado e sumiu para os fundos do terreiro. Entrou em seguida pela porta da cozinha puxando a fila, a irmã e mais dois irmãos. De súbito, o mesmo garoto saiu do banheiro, desenvolvido ainda mais, usando calças curtas e suspensórios, frequentava escola.

No quarto uma boca a mais no aleitamento. A quinta. Cena que se repetiria mais seis vezes.

Era o visitante prá lá, era o visitante pra cá. Escutava a mãe que se zangava com um dos filhos, o

pai que ralhava com outro. Uma mistura de idiomas. Menino, às vezes, era invocado por “*sabe*”. Menina, “*bent*”. Criança, “*uálad*”. Pelo mesmo nome do pai do visitante, chamavam o mais velho dos filhos homens.

Atraído então mais por este que por qualquer dos outros, o visitante não deixava escapulir qualquer movimento. Um velocípede, um brinquedo improvisado, os exercícios escolares, a saída com uma vara de pescar no ombro, uma bola debaixo do braço. Regressos em idades mais adiantadas, sempre.

Perto dos nove anos, o mocinho entre a filharada era quem tratava de trazer, todos os dias, o pão para o jantar. A limpeza e o lustre dos sapatos do pai também lhe cabiam. Capricho, elogio, orgulho. Amadurecia. Usava as primeiras calças compridas, sapatos em couro legítimo, camisa engomada.

O visitante não parava, queria observar tudo que acontecia em cada cômodo. Agitação crescente uma vez que a meninada se esparramava, zanzava correndo de um lugar para outro.

Novamente chegou o visitante em uma das portas, olhou de esguio, passou para outra. Correu para a janela lateral. Viu alguns meninos trepados nos galhos de uma frondosa laranjeira, outros aparavam as frutas atiradas. Depois a mangueira. Seguiu o descanso na sombra de uma jabuticabeira.

Na cozinha a mãe preparava o almoço. Uma mulher miúda, cabelos negros, olhos marcantes em um ros-

to cheio, arredondadas feições de tranquilidade. Chegada a hora das refeições, os compridos bancos ficavam quase completos. Fartura. O visitante observava a mesa longa posta. Cada um com seu lugar preestabelecido. Uns falando mais alto, outros rilhando, a mãe e o pai repetindo “*quieto*” para um, “*pare de chorar*” para outro. Silêncio que durava pouco. Algazarra. Torvelinhos.

No dia a dia, para o grupo numeroso, não faltavam desacordos, resmungos, intervenções dos pais, reconciliações, risos, lágrimas. Atitudes respeitosas moldavam as comemorações de um natal, aniversário, dia dos pais, dia das mães, datas para exibir um bom comportamento para angariar gabo.

Estava o visitante por toda parte. Era nítida para ele, a preocupação do pai quando o já rapazinho saía com os amigos. Não tardaram as insônias da mãe esperando algum ruído denunciar a chegada do filho. Noitadas. Embriaguês das primeiras liberdades. Fuxicos batendo na porta. Velhos conselhos. Novas aventuras.

Na casa, após a labuta diária, o tombo da noite começou a ser marcado pela rotina do patriarca descansar ao lado do rádio tentando ouvir o mundo, equipamento moderno agora em cima do aparador, sintonia difícil, transmissão precária. De pronto, desde então, também aboletava o mais velho para alguma prosa com o pai, coisa de nada, curiosidades ao redor do aparelho, falar da escrita diferente de uma carta enviada a primos distantes, do pequeno barril de azeito-

nas recebido do Líbano.

Estas conversas ao pé do rádio fizeram costume. Crescendo aos olhos do visitante, o menino chegava para ouvir o pai como se fosse hora marcada. Trocavam idéias da maravilha que seria a chegada do telefone na cidade, também os automóveis de que se tinha notícia. Falavam dos negócios da família, a instabilidade econômica, a politicagem no país, o café, o leite. Conversavam sobre a necessidade de estudar, o pai afirmava “*você já é moço*”, o “*chab*” da família, tem que criar juízo, recursos educacionais da cidade e seus limites atingidos, ser um doutor, precisão de sair, colégios afamados, a capital.

Para o visitante tudo aquilo foi uma vida até o dia em que o primeiro homem da descendência, com dezesseis anos, despediu do pai, da mãe, da dezena de irmãos, pegou na alça da mala, girou a maçaneta e saiu. Os mais crescidos até a calçada, sorumbáticos. Os menores, sem entender, em festa na disputa por um lugar nas janelas, expectadores. A mãe recuada, com um no colo e outro segurando na barra do seu vestido, ficou no não querer ver, entreolhando pela nesga deixada pelo pai encostado no portal. O jovem foi. A porta fechou. No barulho do trinco tudo se desfez. Novamente o casarão no caminho do despenhamento.

O visitante saiu pela mesma porta da cozinha. Desceu a mesma escadaria sem os questionamentos da subida. Inflado em harmonia, portava como herança o

lado esquerdo do peito enriquecido, fundeado no ancoradouro das aquietações.

Novamente entrou no capinzal, deixou para trás as paredes rachadas e sem relógio, o piso com falhas e sem brilho, a vetusta casa vazia, a escuridão, o silêncio. Ele também não voltaria jamais.

Foi o Começo de um remanso n'alma e o fim de uma agitação pelo desconhecido.

OS QUADROS

*Conto vencedor do primeiro concurso de
contos do Rio de Janeiro-2013*

Casamento estável. Vida remediada. Dois filhos. Amizades muitas. Casa financiada bem no miolo da cidade interiorana.

A decoração do lar seguia o tanger da situação financeira. Uma peça aqui, outra ali, sendo a pintura o que mais apreciavam. Não mediam esforços para a obtenção destas.

O mais bonito dos quadros, para ele, era o que ficava na sala, adquirido em uma feira de antiguidades durante uma viagem do casal à capital. Um casarão colonial. Fachada de muitas janelas, uma porta, conjunto em azul escuro contrastante com o branco do reboco. Autor desconhecido. Suposições para cenário e época. Tal quadro motivou as tantas vezes em que ele se sentou na poltrona em frente para admirar, atizar pensamentos, navegações.

Certa feita, no meio de uma noite, sono perdido, aproveitou para ir à cozinha, fazer uma horinha, querer beber água. Na penumbra, ao passar pela sala, notou que uma das janelas do casarão do quadro es-

tava aberta. Lá dentro a luz acesa. Julgou estar vendo coisas pela zonzeira do sono. Mas não, o fato repetiu vezes. Veio então o costume de sair da cama durante a madrugada para apreciar a casa do quadro na agitação. Janelas abertas. Porta escancarada. Vai e vem de pessoas lá dentro. Tais observações o deixaram no trespasseiro entre o apego e a abnegação.

Chegou o dia, acordou bisbilhotando um ambiente diferente. Uma cama em madeira maciça, colchão de palha. Ao se livrar dos cobertores notou que vestia um pijama, traje totalmente fora do costume. Sentou na beirada da cama, viu um acalcanhado par de sapatos esperando por seus pés.

Saiu do aposento, se juntou com pessoas diferentes tomando café na grande cozinha. Jovens entrando e saindo numa alegria tal de viver. Idosos sentados na sala, ora na prosa, ora na leitura. Foi se acostumando, conhecendo todos, naturalmente. Sem perguntas passou a ser um ente mais naquele casarão. Bom dia pra lá, boa noite pra cá. Hora do almoço aqui, do jantar ali. Vida que seguia nas feições de suas pinturas a óleo.

Clareou que não era sonho quando na curiosidade pelo movimento na rua debruçou no parapeito de umas das janelas. Entendeu então que o lá fora era a sala de sua casa. Como passantes a esposa no triste do luto, os filhos no amuado da situação. No horizonte, o vazio do onde outrora sentava para olhar o agora. O infinito se dobrava pelos cômodos.

Passou um tempo sem sair do casarão. Apenas chegava à janela para meditar sobre a morada agora sem ele, recordar de quando com ele. Fora daquele campo de visão, os buchichos, barulhos vindos dos quartos, da cozinha.

Conformado, prorrompeu. Passeava já em frente ao casarão de onde, em uma das pontas da linha da calçada traçada pelo pintor, esticava para assuntar, de um quadro fixado no meio de uma parede perpendicular, cinco meninos na disputa de um jogo de biloca com suas bolinhas de gude.

Percebeu que de vez em quando o quadro não contava com nenhuma daquelas crianças, restando tão somente o chão batido do terreno baldio, além de salpicados matinhos rasteiros, como que pisoteados, ajustados para a composição do colorido da tela. Soube que elas saíam para ir à escola, em outro quadro no quarto de seus filhos, uma pintura feita por encomenda, o colégio onde estudara.

Percebeu que poderia ir mais longe. Não perdeu tempo. Foi se soltando na evolução.

Sem a rotina do trabalho, inovou em atividades cujo prazer desconhecia.

Uma delas consistia em cavalgadas regulares. Escolhia um dos cavalos do quadro onde três deles bebiam água em um lago tranquilo, rodeado por uma relva na mansidão. Nesta obra, os pinceis da liberdade fizeram as montarias sem selas, sem estribos. Treinou

montar em pêlo. O predileto alazão.

Nas folganças, uma das caminhadas preferidas era pelo quadro que mostrava o bairro boêmio de uma cidade grande. Ali conheceu gente, ia ao cinema, frequentava bares. Às vezes voltava de porre.

Para se refazer, nada melhor que entrar na paisagem do quadro enorme acima da mesa da copa onde se reunia com a família para as refeições. Uma praia lambida por um mar esverdeado onde se deliciava em longos banhos.

Depois de derreter a preguiça na sombra dos coqueiros, aproveitava para ir até a casa de um pescador no canto inferior da tela, comprar pescados, contar casos.

De vez quando, andando à toa pela areia, ajudava engrossar o esforço no recolhimento de um arras-tão, no rolar jangadas para dentro ou para fora d'água.

A natureza morta era representada na cozinha por dois quadros adquiridos pela esposa. Em um, que exibia um balaio cheio de frutas, pegava maçã, banana, laranja. No outro buscava pães do cesto vime, talagadas de vinho da jarra de barro.

Com os dias observou a rotina reaquecer a caldeira do antigo domicílio, tocar engrenagem, encaixar nos trilhos o comboio das essências, apitando, anunciado o tempo de recomeço, empurrar vagões, alternando os cheios de cargas vividas com os vazios no aguardo do futuro.

Quedou contente com a viúva mais resignada, as visitas de pêsames raleando, as crianças mais sabidas, gente diferente entrando e saindo. Pensou também

que já era tempo. Indagava o para que tanta lamentação. Ria quando supunha o se soubessem.

Saltando do quadro onde morava para suas habituais andanças pela casa, noite calma, uma vez mais ficou observando os filhos dormindo. Com a mão de pluma afagou aquelas faces de anjos em sono desleixado.

Entrou no outro quarto, o que era dele, assistiu a viúva se desmanchando no leito, arfando no enroscos. Ao ver aquelas articulações no pegadiço, desdenhosamente pensou que ela merecia coisa melhor. Mas nada de ciúmes, concluiu conciliado.

Perdeu fácil aquela lembrança. Também já estava na mancebia com aquela do sorriso enigmático do quadro do escritório. Uma réplica na verdade, mas para ele bem traçada, que vez ou outra lhe fazia uma visita no casarão do quadro da sala. Sentia-se envaidecido. Por causa dele, ela deixou o vizinho de quadro que julgava um convencido, mal feito na cópia, um olhar esticado de lado, metido a charmoso, longe dos mais famosos autorretratos. Só estava ali ocupando um prego por ter sido presente do melhor amigo.

A vida passava entre as paredes. E nelas. Tudo nos moldes até o dia em que viu a ex-mulher sair de braços dados com novo marido. Os filhos no acompanhamento. Chegou depois o pessoal da mudança encaixotando, desocupando. Vislumbrou um tempo para reformas.

Os quadros foram juntados um no outro sem cuidado, arrochados com barbantes, largados em um

porão asfixiante, emborcados entre restos de ferramentas, eletrodomésticos com defeitos, geringonças, pedaços de coisas sem serventia.

Não quis acreditar nas suas peças de estimação niveladas com entulhos. Nunca. Entendia até o novo parceiro e os filhos não dispensarem valor, mas não aquela com quem tanto investira num gosto comum.

O pó começou a tomar conta. As baratas aninhavam nas frinchas entre as armações circulando cada vez mais em número maior pelo monte dos quadros.

Não suportou. Resolveu retornar para a antiga casa sem se importar com o fato de viver fora dos quadros por um tempo. Por lá esperaria até os pedreiros concluírem os serviços. Os quadros novamente dependurados. Mesma disposição esperava.

Engano. Ao chegar encontrou os novos proprietários, casal jovem no entusiasmo da primeira morada. Reparação geral. Tudo desigual. Os quadros nas paredes eram decepcionantes, sem paspatur, sem nada. Mostravam bolas, triângulos, quadrados, riscos de todas as formas sugerindo sabe-se lá o quê. Concluiu que aqueles quadros eram inabitáveis. Imperativo mau gosto. Queria morrer de contrariedade.

Revoltoso. Sem quadro para morar, se viu na situação de um desadornado. Sem molduras

A notícia em tela, que passou a circular pela cidade, foi a de uma casa mal assombrada em plena praça principal.

SEGREDO DE TÍTULO

I

A notícia chocou a cidade. Um distinto que até o nome sugeria bondade foi encontrado morto, apunhalado pelas costas. “*Um assassino covarde*”, diziam uns. “*Um monstro para atacar assim por trás*”, diziam outros. Indignação geral demonstrava o quanto era considerado pela população.

A esposa não aceitava. Não se conformava por nada deste mundo. Viveu sempre ao lado do marido, séria, compenetrada, uma companheira perfeita que no meio daquele tufão de desgraça, não cansava de repetir entre lágrimas “*um marido dedicado, pai exemplar, por que uma vida ceifada assim na traição...*”

Ninguém entendia os motivos daquela barbárie uma vez que o defunto, homem público conhecido e querido por todos, não tinha inimigos, pelo contrário, afetos somente, dedicação para atender ao próximo, atitudes para o bem da comunidade, um exemplo de profissional.

Nasceu e arrastou a infância em uma fazenda

onde o pai era o capataz, de confiança do proprietário, pau para toda a obra.

Com a morte da mãe, causa desconhecida, esclarecimento sem muita importância naquele sertão, viu o pai fechar-se mais, reduzindo na labuta diária, engolindo desculpas, exonerando dedicação para com o ele, filho único.

No breve, viu também o pai ir cedo. Uma doença parecida com a da mãe, um súbito de amanhecer morto.

Sem alternativas, foi morar de favor na pequena cidade mais próxima.

Entrou na escola. Estudava à noite. Trabalhava durante o dia. Um esforço debulhado em elogio por todos. Foi engraxate, vendedor ambulante, balconista. Executava qualquer serviço com dedicação, com educação. Simpatia que conquistou admiração, confiança.

Quando do retorno da escola, tarde da noite, era aconselhado para tomar cuidado, o perigo, pessoas desconhecidas dispostas a fazer de tudo com qualquer um. Cuidados muitos. Aconteceu. Abuso. Humilhação. Guardaria aquilo até a morte.

Conseguiu se formar. Estudioso, abraçou a carreira pública com tamanha devoção que não tardaram reconhecimentos, transferências, promoções até chegar ao posto maior na cidade grande, onde aconselhava, julgava, sentenciava. Sucesso.

Contumazes saídas depois da ceia. Uma caminhada. Ia de carro até certo ponto escolhido dentro de

alternativas. Segurança na empreitada. Estacionava. Depois caminhava por horas. Não raramente passava pela igreja, conversava um pouco com quem encontrava. Era a forma, como sempre dizia à mulher, que encontrava de fazer algum exercício, espairecer um pouco do pesado trabalho.

II

Conhecida de todos. Desde a infância carregava uma doce alcunha. Diminutivo do próprio nome que sugeria pureza, querença.

Perdeu os pais quando a manhã empurrava a madrugada para usufruir dos primeiros raios de sol. Trágico acidente. Caminhão rodando em desaviso transportando trabalhadores rurais, bóias-frias que embicavam rumo à panha do café.

Buscou recomeço de vida na cidade morando em casa de parentes.

Não queria perder tempo. Agarrou-se na chance de trabalhar durante o dia na mesma escola em que estudava à noite, aproveitando qualquer intervalo para fazer os exercícios passados pela professora, rever pontos das lições. Dedicção total. Via naquela situação a saída pouca para um futuro melhor, diploma, estabilidade. Agradecia sempre. Segurava-se na devoção.

Benquista como servidora, como estudante, não

faltavam recomendações de cuidados, caminho da escola para casa, noite no já é tarde, caminho no lusco fusco, terrenos baldios.

Alertada, para sua prevenção trazia sempre na capanga, como ela dizia, junto ao material escolar, uma imagem da virgem protetora e um adicional, caso a fé não respondesse com ligeireza.

III

Voltava ela pelo caminho de sempre, o cansaço arreliaava, mas não debulhava a esperança.

Os passos eram o de chegar em casa o quanto antes,repouso. O corpo era do trabalho, moído.

A cabeça era da preocupação com a lição do dia, o que não tinha entendido.

Mesmo assim agradecia. Seria passageira situação. Ficaria na saudade quando tivesse uma vida melhor. Repisava em consolação.

Sem esperar, num repente de desatenção, estava o vulto bem ali ao seu lado, enxurrando lábia para chegar às intenções. Ela resistia. A silhueta um passo atrás para evitar reconhecimento.

Sem atingir o intento, as palavras de convencimento deram lugar aos insultos, obscenidades.

Ele partiu para o ataque. Ela petrificou com o susto. Uma imobilidade que o desejo selvagem julgou

como concordância, que o fez sentir à vontade.

Ela imóvel, querendo reagir. Ele curvando, querendo explorar.

Na bambeza do deleite, cegado pelo suposto oferecimento, tombou o agressor em descuido. Ela atinou. Vasculhou a capanga com a mão encontrando o objeto. Não era o da fé. Na raiva do golpe, gritando em silêncio para ela mesma, repetidas injúrias, sentiu a lâmina reverberar o cabo do punhal, romper a carne do importunador, que, no ardume da dor beliscando, crescente rumo ao centro do corpo, se afastou, tropeçou nos calcanhares, caiu afundando ainda mais o punhal no próprio dorso.

Durante todo o resto daquela noite ela não pregou os olhos. Qualquer cochilo, lá vinha o sobressalto.

Com o dia rompido, levantou na hora de sempre. Um esforço enorme para não deixar o acontecido fazer alteração na sua perseverança, credence em um futuro melhor.

Jurou não falar nada. Com ninguém. Aquilo não entraria para a coleção dos fatos marcantes lá no fim da vida longa para o que sempre rezava. O episódio seria rebolado, ficaria no avulso. Seria um segredo para dois túmulos.

MORTE APARENTE

*Conto recebeu menção honrosa no 5º Concurso de Poesias
e Contos com Temática Espírita/ Jacareí - SP/2013*

A pequena cidade onde passei a infância de uma hora para outra ficou agitada com a novidade. Aliás, qualquer novidade sacudia os ânimos, levantava a poeira das fofocas pulverizando o pó do fuxico para tudo que era canto.

Daquela vez o acontecido despertava a atenção por se tratar de uma morte, depois a vida, a mesma pessoa.

— Tudo tão de repente, sem mais nem menos — era o linguajar dos encabulados.

Muitos não entendiam aquele reviramento, outros tantos tentavam explicar o primeiro caso de morte aparente do lugar.

— Ressuscitou então? — perguntavam uns.

— Não. É outra coisa. Quem sabe ao certo só mesmo os doutores — resumiam os impacientes para se livrarem das especulações.

O sucedido envolveu o sepultamento de um jovem conhecido de todos, querido no seu tipo bonachão rechonchudo, que, momentos antes de ter o caixão lacrado, hora das derradeiras saudações em orações numa só voz por parentes e amigos acompanhados do

sacerdote local, noticiaram, deu sinal de vida.

Aí foi aquela correria. Todos queriam saber mais que todos numa avalanche de futricas. Os cochichos alastravam. Era o tufão da curiosidade aderindo exageros.

Uns falavam ter visto mexer um dedo. Outros já afirmavam que o defunto abriu os olhos de uma hora para outra, observando, meio que assustado, todos ao seu redor para depois cerrar as pálpebras novamente como quem não quer ser interrompido.

O fato é que a cerimônia para o enterramento foi interrompida, horas tantas, até chegar da cidade maior mais próxima, profissionais para diligenciar por elucidações, atestados. Recursos maiores, se precisasse, era coisa só lá da capital.

Veio gente das redondezas. A cidade ficou como em dia de feira. Alvorço total. Opiniões mil. Teve gente que chegou a levar espelho para colocar na boca daquela criatura com a lógica de que se vivo, respirava, se respirasse, embaciaria o espelho. Correu até apostas.

A morte foi confirmada. O préstito fúnebre seguiria.

Comovido e curioso como todos, fiquei então assistindo até a última pá de terra ser lançada sobre a cova. O dono do assunto que movimentou a cidade estava encoberto. Brotava em mim uma inquietação danada.

Embora não sendo tão amigos, penso que pela diferença de idade, o falecido era um vizinho que não faltava com as saudações de cordialidade quando passava por mim, me chamava pelo nome, fingia insultar

falando de futebol todas as vezes que me via com a camisa azul do meu time.

Fui um dos últimos a deixar o local. Ainda ali, ao pé da sepultura, mesmo não sabendo rezar direito, balbuciei alguns pedaços de orações que sabia, com muita fé, pedindo a Deus que o recebesse de braços abertos.

Questionando aquela situação, fiquei encabulado por um bom tempo, imaginando se, por algum motivo, a morte daquele jovem não poderia ter sido declarada por engano. Imaginava como seria seu acordar na escuridão total. Desviava o pensamento quando a fobia ensaiava me perturbar.

Comecei a sonhar com aquilo. Nos sonhos ele discorria com detalhes tudo que passou ao despertar.

Começou me dizendo que o primeiro sentido veio com um forte cheiro de flores. Soprou com as narinas enquanto iniciava um sair do sono preguiçoso, aliviado como quem percebe que os momentos ruins não passaram de um sonho aflitivo.

Animado, disse ele, mas ainda sonolento, julgou que a dificuldade em se mover, com barreiras fazendo doer os ombros, uma de cada lado, outra que batia em sua cabeça o empurrando de volta à posição esticada quando tentava se levantar, era resquício do pesadelo que acabara, resultado da posição inadequada em que dormira.

Ainda num bambo, continuou, sem abrir os olhos, esfregou um pé no outro. Pensou que não tinha tirado as meias na hora de deitar, mas não se lembrava

de ter sacado os sapatos.

Tentou se apalpar. Escuridão. Sentiu o pano que o cobria. Não era o lençol sem o qual não dormia. Achou estranho ter ido para a cama com roupas. Inusitado. Reconheceu sobre o peito, onde estava com as mãos postas, um objeto, uma cruz. Pois sentido. Percebeu a realidade. Não existiu pesadelo em sonhos. Verdade. O cheiro, a inércia, o enterro de um vivo. Agonia imediata. Tristeza, choro. Sem adiantos. Um apavoramento de faltar ar até para gritar. Uma mudez imposta pelo desespero. Espaço apenas para utilizar as palmas das mãos. Grunhidos de pavor para acompanhar o esforço contra a madeira de uma lei que o impossibilitava movimentos. Terror no crescente. Absurdo

Continuei com meus sonhos. Repetidos na situação, não nos diálogos. Em cada um, o jovem me contava mais detalhes do que de resto viveu debaixo dos sete palmos de terra. Muitas tentativas de empurrar o tampão do ataúde. Força máxima que parecia jogar os olhos para fora de suas órbitas. O pescoço dilatava travando a respiração para ajudar no esforço. Não aluía. Os primeiros gritos de Não! Não! ecoavam no choco do espremido finito. O tarde demais chegava.

Nos meus sonhos via ele sentado na cadeira de minha escrivaninha, ou em pé encostado na porta do meu quarto, ou ao meu lado assistido televisão. Sempre nas lamúrias.

Nas conversas só transmitia pesar, inconformis-

mo, sua hora que não era a hora. No momento em que se viu fechado, incapacitado para qualquer reação, pensou que aquilo era uma segunda vida. A primeira vivida na tranqüilidade com os pais, irmãos e amigos. A segunda ali, a encarnação da agonia, do horror, das trevas. Insultou Deus com todos os palavrões. Duvidou de sua existência. Não merecia aquilo. Nenhum mal fizera. A igreja aos domingos. O clube dos jovens. A fé. A piedade. Por que então a dura punição?

Contou-me que repassou toda sua vida. Detalhes da infância. Os pais. As amizades. Os namoros. A cidade. Pensava no lá fora. As pessoas guardando luto, trajando o indevido

Disse que em dado momento percebeu o azedume das flores. As têmperas num bamboleio acelerado, a boca na secura trincada, o queixo na tremulação descontrolada fazendo bater os dentes. Tudo aflição. Não enxergava um nada. Endoidecimento de derreter. Pranto de desespero. Lamento do fundo da alma. Desmerecido sofrimento. Penúria.

Uma ponta de ânimo surgiu quando sentiu uma beliscada na nuca. Um inseto de esperança, me disse, apoiando na suposição de outras vidas ali que não ele. Imaginou uma revoada de vaga-lumes que poderia conduzi-lo através de suas luzes. Mas qual? Só delírio. Aquela pequena fígada foi tomando conta e passou a ser uma comichão generalizada invadindo as costas até as partes traseiras das pernas. Remexia como podia na ten-

tativa de se coçar. Quase nada. Debateu. Uma tremedeira sem igual naquele limitado mesquinho. Um tormento ampliou sua angústia. Experimentou a sensação de uma pressão enorme como se uma barra de toneladas o comprimisse trazendo ainda mais a falta de ar. Veio a dormência, ou dor, já não sabia. Tudo se misturava naquela monstruosidade, submissão impaciente, sem resignação.

Em uma de suas tiradas dolorosas me falou que antes do que achava ter sido um apagão, o primeiro deles, tentou balançar a cabeça numa inútil busca de mais ar. O nariz estava entupido. A respiração só pela boca. Dificultada. Esforço descabido. Repuxos. Regurgito. A tortura de um escuro silencioso. Lembrou das conversas de que o tatu-teba come defunto, mas ele ainda não era. O horror dominava. No pavor pedia que a morte chegasse logo, pedia sempre quando retornava dos sentidos perdidos. Lá no fundo os ouvidos estalavam em zunidos. O miolo latejava. Percebeu um oco no estômago. Da boca sentia exalar, naquele abafado, um hálito azedo adocicado, a língua grossa como lixa passando nos lábios que pulsavam.

Com o tempo notei que meus sonhos não eram sonhos desde que ele começou a aparecer ao meu lado quando caminhava pela rua, jogava bola, no cinema ou em qualquer lugar onde se encontravam outras pessoas e que só eu percebia sua presença.

Nas primeiras vezes, não nego, senti certos arrepios. Depois deixei de lado os esconjuros. Se alma pe-

nada ou empenada como me diziam quando tocava no caso, não importava. O assunto passou a ser só meu. Aceitei ser seu confidente.

Buscava ele, qualquer explicação quando me dizia “*não me lembro de ter ficado doente, nem num morre não morre, acidente, ou qualquer fatalidade*”. Ficava às vezes um bom tempo parado como se tentando lembrar algo. Continuava “*você sabe de alguma coisa? Não né? Pois é...*”

Perguntava muito. Não me respondia nada.

De minha parte queria saber por que fui por ele procurado e não outro em meu lugar, um de sua própria família, um amigo. A curiosidade me mostrava rebentos querendo entender a morte, seus segredos, outros mistérios. Coisa nenhuma. Ele atropelava minhas indagações e continuava “*Ninguém percebeu? Fiquei tão gelado assim? Você foi lá? Quem sabe se...*”

Em suas narrativas me disse que os suspiros finais tão desejados não chegavam. Era um nunca doloroso. Lembrou de alguém falar sobre o desprendimento. Sentiu calor e frio ao mesmo tempo. Veio o choro áspero, ardido. Um soluço arfante, doído. As necessidades escorridas, humilhantes. A verdade encerrada em túmulo, exposta apenas para um. Só ele saberia de tamanha desgraça. Uma penitência dos infernos.

Queria ele dormir, acordar livre de tudo aquilo. Ouviu pancadas secas, rápidas, insistentes. Seguiram batidas na tampa. O destravar. Uma mão estendida.

Um clarão. Alívio. Alucinação só. Um tempinho para um sonho bom. O terrificante estava de volta.

No sofrimento percebeu o vômito escorrer entre o pano e o pescoço. Tentava dilacerar o peito, a cruz. Angústia de espaço que não ajudava dar cabo àquela ânsia de morte. As mãos na frenética busca de rasgar, furar os olhos, enchendo as unhas com a carne, pedaços da face. Da dor cansada à dor terebrante. O último apagão. Assistiu o corpo na murchidão de descarno, corrompido como numa gangrena.

Ouvi suas lamentações independentemente da situação, do lugar, até o dia em que não apareceu mais. Da nossa última conversa me lembro bem, não entendi confesso, espero que volte para explicar, deixou nas palavras que a vida de um morto é uma pena, um volátil pesado.

A ADÚLTERA

*Menção Honrosa no III Concurso
"Erotismo com Arte/2013", Rio de Janeiro*

- Bom dia querida!

- Bom dia querido!

Invariável e minguado diálogo na mesa do café da manhã. E só. Na cama era só o silêncio. Ali as entranhas desenxabidas se fechavam para evitar qualquer palavra mal colocada sobre as noites de só deitar para dormir. Abstinência. Jejum ajustado.

O Matrimônio foi perfeito. Vitrine para a cúmplice felicidade que traspassou namoro, noivado. Cerimonial sofisticado, ritual completo, pomposo, festa para brindar promessas de dedicação na alegria, na tristeza. Eufórica lua de mel. Parecia que um mundo disposto a acabar encurtaria o tempo para as delícias, para os exercícios sem regras, para o enrosco incontrolável do embate entre a tesura e o afeto.

Seguiam os ponteiros.

Assumi ela então os ares de senhora, organizava, governava. Recepções garbosas, reuniões, parentes, amigos.

Retomou ele o ritual empreendedor, realizações em gerir que colocava à sua disposição luxo, destaque,

incessantes assédios, aventuras extraconjugais que atravessavam o casamento, sem descanso.

Ele de aparência ordinária. Ela de conduta esmerada, beleza destacável, atraentes linhas adormecidas sob a jura da lealdade. Sensual, ninguém deixava de imaginar os panos de seus vestidos roçando os seios em pontas como bilros de cacau, pingos de chocolate na brancura de mármore. Um ventre imaculado, sem pejudas, que desembocava na mata raleada guardada na forquilha, uma borboleta assentada em ramagem calcada em macia madeira de lei.

Transcorriam os meses.

As diferenças geraram distanciamento, declínio que impôs a desatracação das carnes, o desinteresse pela beleza do mistério que é o despir para novos descobrimentos.

A casa se tornou insossa. Lembranças distribuídas por todos os lados, materializando comemorações, viagens, surpresas, perderam significado. Os desejos debilitados resumiram na trivialidade escassa. A obrigatoriedade estancou. Os lençóis amanheciam sem marcas de escorrimentos.

Ela ficou na carência. Fidelidade vulnerável, no quebradiço. Despertou, aconteceu. Um envolvimento sem graça, rápido, entre desconhecidos quase. Ladainha de justificativas. Fingia um falar a verdade, fingia outro acreditar. Era o passaporte para o saracoteio da intimidade maior. Foi bom para você? No afirmativo respondia ela, delongando, querendo dar vul-

to ao fato de ter sido a primeira vez depois de casada. Puxaram assunto para recheiar o vazio do depois, mas não restou nada além do que dentro dela ficou, uma possança derretida afogando as vontades.

Teve mais, conheceu, comparou, quis. Irrompeu nas aventuras para saciar intermináveis ardências. A gazela imaginosa se livrava dos casulos, sem hipocrisia. Para debulhar o presente, não sacudiu fora o passado, usou-o, sapecou os embustes. Empurrada cada vez mais para novos casos, seguia pelo balizamento onde adultério não é mal, é feito.

Sedenta, não resistia às tentações, se estendia fácil. Desejos fundeados vinham à tona, então se abria. Seu corpo se enroscava em qualquer outro facilitando um alinhar onde o vulgar revela nova porção de prazer, o ominoso verte o deletoso, sem se importar com raça, cor, estado civil, religião.

Se não estava no oferecimento, pensava. Não fugia. Deixava a excitação diluir. Vivia estouvada nas idéias, nas intenções libidinosas. Sonhava com a mistura dos muitos que concluiu na dação, danação que embolava pedaços na composição do amante ideal; o rosto, as pernas, a boca, o cheiro, o carinhoso, o rombudo, o espadaúdo.

Vinham os impulsos. Debruçava alígera na busca do complemento mu. Alguns com apresentações, outros sem despedidas. Experimentada, se esparramava pelo glossário adquirido, enriquecido pelos lugares, pelas posições, pelas penetrações, pelos orgasmos. En-

tregava no total, no pouco. Viveu afeto, rudeza, prazer completo, gozo inócuo, emborcos. Às vezes recatada, enfiada. Outras vezes desembaraçada, ousada, pousada para qualquer um. Suas aptidões não mais causavam espanto, traziam inveja àquelas que, condenando, gostariam de ser iguais.

Era o seu tempo, não atafulharia. Consumiria desejos, recriaria tentações até que, entre o quero sim quero não, tais ímpetos esmaecessem com um envolvimento certo, diferente do então juramentado no qual ainda repartia lençóis, mas acordava espremida pelas vontades, sono tirado pela inquietude que a obrigava se fazer ali mesmo, dedos ligeiros lubrificadas na seiva da luxúria.

Girava o mundo.

Sabedor um do que fazia o outro, já sem escamoteação, não perguntavam, não precisavam mais dos estratagemas, dos furtos sutis. Cada um com sua banda, sua vida, suas fantasias, suas propensões. Não existia arrependimento, não pairava o medo. Estavam completos. Ele por manter o retilíneo da aparência, ela por não sentir a alma esquartejada, no tijuco, como das primeiras vezes. A carne na atividade era como bálsamo para as cicatrizes de seus espíritos escangalhados.

Da agitação à calma, à aceitação. O lar novamente se encheu de aromas, vozes, risos. E, como num remanso de cordialidades, continuavam:

- Bom dia querida!

- Bom dia querido!

AFLIÇÃO

*Conto participante do 4º Concurso de Poesias e Contos
com Temática Espírita Jorge T. Rizzini*

De tristeza não sabia. Estava o moleque no seu mundo, feliz, parado à beira do costumário rio, parte chamada de poço, um sossego onde a meninada nadava, brincava.

Observou entusiasmado, naquela primeira vez sozinho, todo o cenário, regalo da natureza para a turma, parque distinto pela beleza, águas ciliadas pelos pés-de-pau, vergel palco para as brincadeiras.

Tudo igual. Só não o caudaloso cujo volume, sabe lá, de cabeceiras, imperceptível aos desatentos, não mostrava a desordem na profundez.

Curtiu, desceu ribanceira, se jogou na água, esticou nas diferentes modalidades de nadar, nomeações do clube da garotada.

Uma maravilha. Mergulhou, boiou, flutuou de costas admirando o céu. O deleite de sempre. O úmido carinho refrescou, relaxou. Só não avisou que tanta água o fazia pequeno no meio em que se julgava grande, dominador. Distanciou do barranco. Tiquinho de nada, pensou. O barranco afastava, quis sair. O nado

não rendia, a pressa sobejava, a orla distanciava. Ponta de urgência espetou, aflição rasgou.

Pensamentos. Imagens desfilavam em lampejos. O vulto do pai deu lugar ao semblante macio da mãe. O sorriso da irmã apareceu depois dos acenos desajeitados do irmãozinho mais novo.

Sentiu desconforto n'alma. Não conhecia pavor. Os esforços aumentaram. Gritar não era preciso.

Por um momento os pensamentos sumiram. Reapareceram com os amiguinhos. O meeiro com quem colecionava bolinhas de gude, o amigo que nunca foi visto fora de uma cadeira de rodas, tantos mais, até o rival das coleções de figurinha. As lembranças passavam na ligeireza das águas.

Promessas vieram. Seria outro depois que pisasse em terra firme, chegasse em casa como se nada tivesse acontecido. Em vão. Pernas e braços em frenéticos descompassos, sem avanço.

Tudo muito rápido. As lembranças embaciavam, os olhos ardiam. Pensamento acelerado perguntava onde estavam todos, para que lado ficava sua casa, que rumo tomar depois de sair. Começou a gritar. Esperança. Valia tudo. Era braço no lugar de perna. Minguava concentração, acabava reflexo, a cabeça mergulhava repetidas vezes, respiração em descontrole, composição água e ar, combustão de aparvalhamento. Náusea. Mais líquido tragado, agora misturado com a própria babugem. Desesperação, alucinação.

Tinha que sair. Precisava ficar livre de tudo aquilo, fazer jus aos mimos de proteção dos pais que o transformaram, em sua lógica infantil, em corajoso, invencível pequeno herói.

Tosse. Engasgo. As pernas anestesiaram. Os braços pesaram. Mãos de monjolo que, entre esperas e batidas, trituravam os sentidos. Sumiram. O barranco rodopiava misturando cores. Calafrio. Os urros não adiantaram. Não pensava mais, não agitava mais, não sentia mais. Apagou. Silêncio. O rio continuou seu rumo

Do outro lado, em riba onde nunca estivera, sentado, imóvel, alvacento, estava o menino olhando o remanso, em vigília, como se estivesse protegendo o que dele restou, esperando que viesse à tona.

O BEBERRÃO

O trabalho fazia, há muito, no repetitivo, no maquinal, nada de novo. Faltavam estímulos, sobravam barreiras. Era rigoroso no horário, escrupuloso no cumprimento das diligências largadas em sua mesa, funções intermediárias, etapas sem muita importância, carimbos, encaminhamentos.

Não contava com amizades. Colegas de trabalhos tão somente, convivências sem liberdades. Chegou à meia idade. Nunca se casou. Apenas passou por relacionamentos, nenhum com afeição bastante para decidir por uma mancebia sob juras. Vivia só, mas não muito tempo sem a companhia dos tratos íntimos. Todas por uma noite apenas, esbarradas na conveniência, encontros para dominar o desejo temporal querendo supurar.

Saltava da cama bem cedo, se vestia em desma-zelos, comia um pedaço de pão, muitas vezes o excedente da compra anterior. Quando não, tomava apenas um cafezinho instantâneo. Saía de casa torrando o primeiro cigarro, rumando para digerir mais um dia.

Não conseguia mais fugir das sendas viciosas, circuito imposto pelas cercanias do local da faina, do pequeno apartamento na constante desarrumação e do bar predileto na periferia onde, diariamente, na boca da noite, ao deixar o trabalho, tomava a primeira em um só gole, acendia um cigarro. Na sequência do rito, virava outras tantas, fazia cinzas de outros tantos.

Nestes momentos de maior franquia, nos quais enchia as narinas com o ar esbanjando a mistura azeda de nicotina e álcool, fazia parte de sua solidão, após acender cada fumo, chiar a ponta do fósforo no suor largado pelos copos no tampão da mesa de metal já encardido, salpicado de ferrugem, onde, pensativo, com o palito naquele líquido, deitava rabiscos, escritas talvez, descambando o pensamento no insosso.

Encarraspanado, cambaleava em desleixo para casa. No indiferentismo que o impregnava, ligava a televisão sem assistir, folheava qualquer coisa sem ler, se jogava na cama esperando o próximo dia de branco.

Neste cotidiano, tinha o capricho de não fincar qualquer pendura de ebriedade na repartição. Mesmo assim, sem que deixasse transparecer, os fuxicos e futricas sobre seus hábitos fixaram rótulo, falsearam a moral, esmigalharam injustamente.

Quando menino, comum nas cidades do interior, nadava nos córregos das cercanias, jogava bola nas ruas, pendurava um bodoque no pescoço ao modo de quem pensa impor respeito. Nos bolsos das calças cur-

tas, mamonas em forma de munição.

Na adolescência namoros paralelos. Um de bom menino na sala, mãos dadas no alpendre iluminado. Outro de afoito nos becos escuros, pernas dadas nos terrenos baldios.

Os pingos do amadurecimento germinaram pensamentos de um futuro de sucessos, cresceram sonhos de uma vida independente, a faculdade, um bom emprego, o agito da cidade maior. Etapas que se realizaram no tempo certo proporcionando chuvas de alegria, inundações de elogios, correntezas de invejas.

Agora, a vida em ciranda retumbando uma cantilena no esgarço. Os dias nascendo já velhos, entardecendo sem viços, morrendo vazios nos sumidouros. As horas passando empurradas da mesma forma que o tempo atravessava sua existência oca, carente de disposição sentimental, fraca na suportação.

Tombava aquela data como qualquer. Sua rotina escorria entre os barrancos da indiferença. Ajeitou a escrivaninha no fim do expediente, organizou gavetas, separou processos. Caminhando pelos corredores, automaticamente largava um “até amanhã” a todos que encontrava. Dispensou a mesma gentileza para com o porteiro. Cruzou o batente da porta. Tomando o caminho, passos decorados, começou a trocar impressões consigo mesmo, contrariedades, negações. Chegou. Puxou uma cadeira na mesa de sempre na qual aboletaram também as andarilhas memórias, as marteladas do custoso.

Sem falar, com um gesto escasso, pediu ao garçom para servir a abrideira. Seu rosto destapou um sorriso como sombra de disfarce ao que intencionava. Após o primeiro trago, as lembranças da jornada, os folguedos dos colegas como cumplicidade daquilo que pilava sua mente. Pede mais uma que, descendo melhor, parece lavar a garganta saturada de palavras engasgadas, inúteis, expressões do imutável.

Naquele mais um dia a mais, buteco igual, os minutos pirraçavam, desaceleravam para esticar gargalhadas que só ele ouvia. O homem pensava, o homem falava sozinho, gesticulava, remoia. Por um bocado passeou nas idéias alternadas, traduzidas por dois semblantes. Um, com as sobrancelhas esboçando um “vê” e os lábios apertados em uma meia lua emborcada para baixo, esparramava descontentamento. Outro, com a testa levantada e um canto da boca repuxado para o lado, perguntava a si mesmo “e agora?”

Foi bebendo uma bagaceira que recordou épocas. Tomando uma branquinha se iludiu na transparência. Ingerindo uma água-bruta cogitou uma própria recomposição.

Assim foi uma dobrando outra, o semblante metamorfoseando, os rejuros enrustidos metaforizando. Demasiados sorvos, transeuntes idéias. O homem delirou, o homem balbuciou desajudado. Entornando uma água-de-briga meditou sobre as chances, tragando uma arrebenta-peito lembrou-se de uma infância distante, arrematando uma de consolo listou as com-

pensações. Engoliu a saideira achando tudo fácil, devaneios, contradições

Tudo se repetiu. A mesmice dos dias. Menos o fato de o homem ter se matado ao chegar em casa, decepando a sobra de vida.

O RELÓGIO

*Conto ganhador do concurso de Contos
Cidade de Penedo/AL/2011*

O tempo é relativo. Não existe o absoluto em qualquer referencial. Reza a teoria.

Para muitos, a percepção do tempo passa pelo resgate de sucedidos que, transportados nas selas da memória, permitem algum cotejamento daquilo que é voante para os afazeres, imperdoável para a vaidade, intrigante para as comparações.

Uma criança ao soprar as velinhas de segundo aniversário tem, nos últimos trezentos e sessenta e cinco dias, metade de sua existência. Este mesmo espaço de tempo representa a vigésima parte de uma vida aos vinte anos e um reduzido cinquenta avos nas comemorações de meio século. Suspiros nas exclamações de “o tempo voa”.

Assim vai. Ao longo de nossa jornada vão diminuindo as expectativas quando comparado o que resta e o que já foi vencido. Este é o sentido maior para o conceito de vida útil, orientador de como e quanto ainda poderemos fazer rastro na terra.

Estas questões, que acabam envolvendo reminiscências, me fizeram gostar de antiguidades, em espe-

cial relógio, apontador de imensuráveis.

As relíquias atravessam épocas servindo, encantando gerações, carregando histórias pela impregnação dos olhares, manuseios.

Certa feita, visitando uma exposição de antiguidades, esbarrei com um relógio de mesa centenário, conservado, perfeito funcionamento. Era um exemplar original, alemão, corda para uma semana, dois martelos que batiam uma vez a cada meia hora e com o número de badaladas correspondentes a cada hora cheia. Toda a caixa em madeira trabalhada, mostrador em correta harmonia entre algarismos romanos e arábicos. Uma maravilha.

Não tinha experiências em leilões. Aquela peça me chamou a atenção. Entrei na disputa para sua aquisição sem saber se sairia por um preço de oportunidade, mas a vontade de possuir foi atizada ainda mais pela competição que envolve os lances de uma arrematação.

Findou a peleja. O objeto era meu. Passou a fazer parte de um aparador, decorando o canto da pequena sala de minha vivenda em um conjunto de prédios com centenas de pequenos apartamentos onde, como resultado da correria do cotidiano, os moradores pouco se encontravam, de menos se falavam. Ambiente silencioso sempre.

Certa vez ouvi, em relance, de pessoas que passavam no corredor, comentário sobre a estranheza de sinos de igreja soarem fora de hora. Não eram sinos,

era o velho relógio com seus martelos, efeitos sonoros que me aproximaram de dois idosos, pessoas com quem travei diálogos, sendo assunto primeiro o som das pancadas do velho maquinário.

Ela altiva, muito educada, sempre em um vestido solto, chinelos de descanso. Seus comentários eram rápidos, se referiam, com seu jeito afável de falar e sorrir ao mesmo tempo, à beleza das vibrações das badaladas. Saudosismo fácil de perceber em suas palavras.

Ele mais sério, elegante no vestir. Tinha suas observações rodeando as engrenagens dos relógios, suas épocas, precisões, comparações entre marcas, vantagens de uns, desvantagens de outros.

No início eram diálogos ligeiros, cordiais, aconteciam nos corredores, no saguão, passagens rápidas. Em reparação posterior percebi que nunca os vi juntos, embora a coincidência do assunto me levasse a concluir que formavam um casal. Disso nunca tive certeza.

Com o tempo passamos a esticar conversas, falávamos de viagens, conhecidos, parentes, entre mais. Achava interessante eles abordarem, invariavelmente, o antigamente, o naquele tempo deles com tanta minúcia. Ficava na dúvida, dado ao longínquo dos fatos narrados, se realmente tinham vivenciado, se era fruto do lido, do escutado ou imaginação como coisa da idade. Os ocorridos que relatavam eram coerentes, faltava sincronia com as remotas datas, elo que jamais encontrei.

Por mais contas que fizesse, por mais condicio-

nantes que colocasse, as partes não se encaixavam naquele jogo onde o tabuleiro era o tempo, as peças os sucedidos. Intrigado, fui indelicado com a questão de idade. Recebi de ambos a mesma resposta “*mais que você pensa*”.

Surpresa maior foi quando, em ocasiões distintas, cada um afirmou ter possuído um relógio com o som idêntico e, sem nunca o terem visto, descreveram pormenorizadamente o aparelho como se estivessem olhando para o meu. Causou-me angustiante arrepio ao concluir que nunca conversamos os três juntos e que um jamais se referiu ao outro.

Pensei em evitar delongadas conversas para não prosperar minhas dúvidas. Injusto. Poderia ser criação minha ou apenas uma banda ilógica na qual me perdi. Isso me fez passar noites em claro pensando no assunto com o som do relógio embalando a insônia.

Tudo isso me fez prestar mais atenção naquele relógio. Parecia que ele não tic-taqueava meu tempo, que o compasso de seus ponteiros acompanhava movimentos orbitais outros, fora do presente.

Às vezes me perguntava, enquanto o admirava, quantas pessoas se orientaram pelas suas horas apon-tadas, por seus toques carrilhões.

Divagava sobre o que realmente valia uma comemoração diante da relatividade do tempo. Ficava matutando com o tempo registrado por unidades de medidas diferentes, outras essências como o número de conquistas, de alegrias, de dissabores, de lápides

das pessoas com as quais convivemos.

Com a chegada das festas de fim de ano, fazer daquele relógio um presente foi a forma que encontrei para brindar as duas amizades granjeadas.

Desconhecendo o endereço para fazer entrega, saí à cata de informações. Indaguei. Detalhei. Insisti. Sem sucesso. Ninguém sabia, nunca viram. Até mesmo os porteiros, funcionários há anos no mesmo posto, conhecedores de todos os condôminos, afirmaram, com toda certeza, que ali não moravam.

Não sei se naquele momento me coube espanto, esperança, dúvida ou o vazio de um mistério.

Depois disso nunca mais os vi, nunca mais dei corda no relógio.

Continuou ele no seu canto, significante, ponteiros que não mais percorriam os números do mostrador, mas assinalavam um tempo de inesquecíveis prosas.

Zé Bonitinho

Fácil recordar, com pormenores, de longínquos acontecidos. Também é simples trazer à memória pessoas que marcaram a infância, tanto pela bondade como pelo perigo que representavam para as crianças, sendo, no último caso, na maioria das vezes, revelado que não passavam de exageros para tornar moleques mais obedientes.

Muitos personagens marcaram. Povoam ainda nossas mentes pelo diferencial que representaram, seja lá qual for o rumo que tomaram, recebendo alcunhas pelas atitudes, aparências. A pacata cidade do interior mineiro, Patrocínio, onde passei a meninice não foge à regra. Eram tantos. Muitos apelidos antagonizavam com seus donos. O Barão, por exemplo, lutava arduamente para criar os filhos com os serviços de engraxate, o Branca de Neve era um autêntico representante da raça negra, o Gigante era o menor entre a criançada, o Miúdo o maior da cidade. Muitos cognomes tinham encaixes tão perfeitos que se fundiam com as pessoas, retrato fiel, caso da Maria Bate Bomba, a mais popular prostituta do além-trilhos.

Quando puxo da memória tais figuras, uma sem-

pre chega realçada, é o Zé Militão com sua candura, também conhecido como Zé Bonitinho. Tinha aquele velho negro, alto, forte, uma aparência adversa onde habitava uma doçura d'alma.

Não sabia das coisas, não entendia as coisas. Morava em uma instituição de caridade, nunca foi visto sem o rigor de um terno de linho branco, chapéu e um guarda-chuva pendurado no braço, independente de sol, de chuva. Caminhava pelas ruas em seus constantes passeios cidade afora, sem roteiro, apenas caminhava, cumprimentava qualquer um que cruzasse seu caminho, abrindo um largo sorriso sem dentes. Se uma pessoa dizia bom dia Zé bonitinho, ele agradecia, respondia "bigadinho", se dizia Zé bonitão respondia "bigadão".

Não aceitava, de forma alguma, ser invocado Urubu. Isso não. Era motivo para xingamentos, na verdade balbuciantos que ninguém entendia, nem mesmo os instigadores, inevitavelmente crianças, que, após a reação do Zé, completavam a frase com a palavra "Rei", o suficiente para o comprazimento, boca que engrandecia pela felicidade, gratidão em um trêmulo vozeirão que exprimia "bigado".

Quando criança via o Zé Bonitinho como uma criatura incomum, sem explicações ou comparações com qualquer outra, independente das inúmeras histórias sobre ele que circulavam pela cidade, invenções puras. Uma delas era sua participação em guerras, das quais saiu ileso por ter a capacidade de se transformar

em animais, quando não invisível, despistando inimigos. Eu acreditava.

Com o tempo o astucioso brandeava, lendas naturalmente. Sem nenhum propósito de quebrar barreiras, veio então, no lugar de minha infantil estranheza, a admiração, vontade de conversar com Zé Bonitinho, o que fiz diversas vezes, recebendo ao longo das conversações frases incompletas, palavras articuladas na imperfeição, sons inexplicáveis que acompanhavam a simpatia dos risos. Eram brados não entendíveis misturados às comedidas gargalhadas, mistério, grunhidos que nada revelavam além de inocência, singeleza ao extremo, que jamais percebi noutrem.

OS ANJOS

Amigos. Um sempre o melhor para o outro apesar da pouca idade para a firmeza de tão ajustada consideração.

- A tampa e o balaio, não se separam por nada deste mundo - comentavam os pais.

Escola ainda não frequentavam. Os dias eram todos para o deleite da infância inundada de felicidade, vivida numa cidade pequena, ruas calmas, ora cascalho, ora empedramento rústico, palcos de inesquecíveis, brincadeiras tantas, pureza, fatos marcantes.

Um deles não teve como apagar o dia em que, despertado com a movimentação anormal pela casa toda, ainda debaixo dos cobertores escutava o “zum zum” de choro abafado, passos batendo pressa no assoalho, tantos “meu Deus” aflitivos sem palavras antes, nem depois, soltos no desespero de quem não quer acreditar.

Saindo da cama sob um tufão de curiosidade, foi levado pela mão até a casa do amiguinho na mesma rua em que morava, na mesma calçada em que, na tarde do dia anterior, interromperam o jogo de bo-

tões para atenderem aos chamados das mães com costumeiro “tá na hora de entrar”. Era a senha para que cada um tomasse o rumo de casa, o banho, o jantar e os preparativos para dormir.

Chegou sem muito entender. Menos ainda quando se esticava nas pontas dos pés e esbarrava os olhos naquele corpo deitado em uma cama diferente, branca, era o amiguinho todo de branco, mãos postas sobre o peito e entre os dedos uma flor também branca.

Buscando explicações fitava o amigo, olhava para as pessoas que o rodeava. Umas, de vez em quando, emitiam sussurros. Outras, num continuado, despenavam lágrimas. Na cabecinha um varejo minguaado. Apoucado nas idéias, a ingenuidade fez caber apenas o avulso, o possível, de que o coleguinha tinha virado um anjo. Não encontrou outra forma para explicar o desarranjo em sua alma. Era isso então, concluiu. Sentia-se orgulhoso pelo sucedido.

-Um anjo, um anjo meu melhor amigo - pensou arrematando toda aquela situação.

Na tarde daquele dia, também conduzido pela mão, seguiu calado como todos. Pareciam contar os passos. O sol desmaiando fez sombra onde colocaram a caminha. Lá no fundo dormiria o anjo. Jamais esqueceu a cena, uma companheira para o resto da vida.

Sem decifração, matutava de que forma o amiguinho sairia para brincar com ele. Neste momento sentiu mais uma vez que o seguravam pela mão levan-

do-o do local. Não entendeu que ali foram sepultadas metade de sua bola de futebol, outra parte da coleção de bolinhas de gude, o motivo para girar a piorra, a ajuda para os brinquedos de encaixe. Então não chorou.

Durante um tempo, indiferente de seu pesar, escutava das pessoas, querendo empurrar conforto, que o amigo depois daquele dia passou a morar no céu, lá muito acima, que transformara em uma estrela. Passou então a esperar a noite para mirar o firmamento na tentativa de matar a saudade. Se uma estrela brilhava mais que outra, então achava que poderia ser ele. Mas logo outra piscava mais adiante. A confusão atordoava, queria ir para a cama mais cedo.

Virou rotina. Antes de ser abraçado pelo sono, pensava no amigo. Como estaria ele? Quem o levava para a cama? De quem o beijo de boa noite se os pais dele ainda estavam por aqui? O embolado das idéias cansava. Pegava no sono.

Noites seguidas os pensamentos voltavam. Sentia falta. Não sabia o que era aquela separação, muito menos dos motivos.

- Quem poderia pedir a um menino para que visse estrela? Onde já se viu? Ou seria o menino que pedía como presente? - pensava. - Será que a criança deve sempre obedecer? Por que não podemos morar pertinho, ainda mais os amigos? - ficava cheio de perguntas para ele mesmo antes de alguma oração para dormir.

Nunca mais voltou àquela cidade depois que sua

família se transferiu. Mas o amigo não ficou para trás, fez parte da mudança, estava agarrado em seu coração e, da mesma forma, esparramado em toda sua tralha, em seus brinquedos, nas alegrias repartidas, na principal lembrança do lugar, a maior estimacão.

Cresceu. Um garoto forte. Um rapaz vistoso. Um adulto sério. Jurou, casou, separou. De filhos queria um tanto, rebentou metade. Uma vida simples, pacata. Em muitos momentos foi amparado, em outros estendeu a mão. Aprendeu. Entendeu que pela linha do tempo mais cumpriu, menos sonhou.

Já adulto, ainda carregava os suaves da inocência. Pensava sempre na saúde precária do primeiro amigo que ainda o fazia encher os olhos d'água, mesmo que já lá num tão longe, inesquecível doce sentimento infantil.

Não conseguia desgrudar da sensação que o tangia aos velhos tempos toda vez que observava brincadeiras de meninos pelas ruas. Era infalível. Surgia em sua frente o amigo com a feição carregada de felicidade, com lampejos emborcados num sorriso que só se via nas imagens de anjos.

Agora, com os filhos esparramados, aposentado, ficava no descanso para aliviar a fadiga imposta, exigência da velhice. Não carecia entender. Nos bancos daquela casa de repouso, cheio de nada para fazer, sentava horas para ficar no sem muito que pensar, sem com quem conversar direito, mesmo com aquela quan-

tidade de pessoas vestidas em branco para lá e para cá, voltando sempre cuidados para com ele, mas sem tempo para jogar fora uma prosa qualquer. Parecia até que o tanto de branco retornava como um pano de fundo para a cena que nunca sacudiu fora da mente.

Todos os dias, entre o depois do jantar e o antes de deitar, era conduzido, passos pequenos, por um dos de branco que o colocava na varanda ao abrigo do sereno, sozinho. Nestes momentos jogava os olhos para céu numa admiração que o deixava aturdido com as constelações, querendo escolher uma, aguardando alguém que, segurando sua mão pela última vez, o levasse até lá no alto para desprendê-lo como uma estrela, derreter em forma de anjo e, aí sim, de igual, instigar o amiguinho:

- vamos continuar o jogo?

O ENCONTRO

Como num relampaguear, ela surgiu na sua frente. Amistosamente fez uma saudação. Logo em seguida uma segunda antes de afirmar que por ali ele não morava. Esperou um pouquinho e, sem resposta alguma, indagou se já conhecia o lugar.

Ele atarantado, duas vezes no muxoxo largou um “não”. Depois repicou as palavras para justificar que estava ali para buscar um amigo. Era a primeira vez naquela parte da cidade. Como chegara antes da hora marcada, escolheu aquele banco para apreciar a praça, por sinal grande na beleza, no tamanho.

Disse ela que aquele local era conhecido como praça dos casais pelo fato de que cada banco era oferta de um casal, coisa de décadas, que cada um trazia gravado o nome de família dos doadores. Aquele onde ele estava tinha o sobrenome dela. Talvez algum parente, disse em meio a um sorriso de canto de boca.

Conversaram até que a pessoa esperada apontou do outro lado da rua, momento em que ela se despediu. *“Tenho que ir, apareça mais vezes”*. E foi.

O amigo chegou, cumprimentou, agradeceu pela presteza. Não se referiu à mulher com quem o outro conversava. Nem mesmo durante o longo percurso de carro.

Encabulado, passou o resto do dia com a fisionomia da moça sobrevoando a mente. Naquela noite teve o sono entrecortado com imagens do encontro. Em todas sobressaía o sorriso da mulher que trouxe um encanto nunca vivenciado. A forma em que ela apareceu bem ali, plantada, sem que ele percebesse.

- Ando distraído ultimamente - pensava tentando alguma justificativa.

Acordou pensando nela e, a partir de então, durante qualquer atividade que se empenhava estava ela circunvagando seus pensamentos. Idéia fixa não era, tinha lá sua certeza.

Intrigado ainda mais pelo fato de parecer que já a conhecia de algum lugar, vasculhou a infância, a adolescência. Nada. O nome era comum, o que não ajudava na busca.

Fechava os olhos e assistia, como em um filme, os traços delicados de um rosto com qualidade rara. Puro. Sem toaletes. Pele chocolate. Olhos ornados pelos grandes cílios. Lábios carnudos. Mistura de raças. O corpo esguio dentro do vestido parecia querer ficar solto. A leveza dos gestos. O desprendimento das feições jorrando felicidade.

A situação atraiu ansiedade. No outro dia, hora igual, estava ele sentado novamente no banco. Não demorou e

ela despontou no canto da praça. Um sorriso franco, de contente por revê-lo. Semelhante sentimento o dominou.

Os encontros se repetiam. Mesmo horário. Todos os dias.

Além do banco, as conversas se davam em caminhadas pelo largo. Falavam sempre daquele patrimônio de mais de cem anos, a disposição dos canteiros, seus formatos, as aléias. Apontavam as plantas, as flores. Comentavam seus perfumes, o doce, o suave. Em comum a predileção pelo jasmim. Para ele, o feitio. Para ela, a fragrância de um tempo.

Soltavam-se. Falaram de relacionamentos. Ao contrário dele, que se dizia errante neste assunto por nunca ter se ajustado para valer, ela, sem constrangimento ou demonstração de perda, confessou ter conhecido uma paixão verdadeira. Não delongou no assunto, logo tomou outro rumo na conversa.

Ele achava graça dos muitos termos em desuso por ela empregados que, muitas vezes, o fazia sentir transportado para um passado longe, lembrando dos avós, dos tios que tinham linguajar parecido. Nunca se esqueceu da tarde em que ela disse que aqueles encontros eram um enlevo, crepúsculo jubiloso, reminiscências no rebroto, conforto d'alma que espera.

O gosto musical dela não fazia parte de sua preferência até então. Passou a apreciar reparando quando ela entoava trechos de canções antigas. Comprou discos com cantores de outrora, termo que ele, grace-

jando, soltava quando ela cantarolava. Do repertório, uma em especial por vezes, mais que outras, ela repetia: “*Volta vem viver outra vez ao meu lado...*” Parava e perguntava “*conhece?*”. No silêncio dele, ela continuava em explicação “*é Lupicínio, mas gosto na voz de Linda Batista*”. Então ele se divertia, ria dela.

Ela fazia referências a bailes com grandes orquestras. Anúncios que ele desconhecia. Certa feita disse estar chocada com a notícia que ouviu sobre uma tragédia que ceifou a vida de uma família inteira. O pai, a mãe, a filha única e o noivo. O rádio era a fonte das informações, o que ele achava estranho, nos dias modernos, uma pessoa jovem gostar assim deste tipo de aparelho.

Sonhava com ela todas as noites. Em um dos sonhos contou ele que, caminhando pela praça, na travessura apanhou um jasmim e ofereceu-lhe dizendo que não era roubo, era a natureza se completando. Ela pegou a flor, cheirou, admirou girando o talo entre o indicador e o polegar, voltou a sentir o perfume, prendeu-a atrás da orelha, recostou em seu ombro e seguiram. Para completar, disse ainda que no sonho, ao mesmo tempo em que se sentia ao seu lado, passou a ser observador, vendo ele mesmo e ela de mãos dadas trilharem em linha reta até o desaparecimento de seus vultos, que se misturaram com as sombras das árvores.

Depois da narração ela fixou nos olhos dele, levantou as sobrancelhas, mordeu o lábio inferior e nada disse. Mudaram de tema como era o costume de atropelar um

assunto com outro pensando no pouco tempo para tantos.

O mesmo gesto ela repetiu, acrescentando apenas um “*quem sabe?*”, quando ele falou de outro sonho sobre eles como noivos. Os jantares nas casas dos pais, tratativas para o casamento, completar a lista para grande festa que os sogros faziam questão, necessidade de uma visita à capital.

- Ficou por aí - disse ele. - Acordei quando embarcávamos para a viagem.

No último encontro foi a primeira vez que ela chegou antes. Sorria diferente. Um sorriso no trasbordado feliz. Usava vestido largo, alvo, da mesma cor do jasmim que enfeitava seu cabelo, formando um contraste com a pele onde as tonalidades se uniam em um reflexo de beleza que ele não parava de apreciar.

Também neste encontro um primeiro carinho aconteceu sem que fosse só em palavras. Ele apenas percebeu. Não sentiu o contato quando ela, com o dorso da mão afagou sua face. Subiu e desceu parando nos lábios como que pedindo retribuição pelo sorriso que ela lançou quando percebeu que ele enrubescera

Permaneceram calados por um bom tempo. Completavam-se pelo que só ele tinha para os olhos. Com o que só eles sentiam. Olhavam um para o outro, admirados, como se não precisassem termos para algum pacto. A paisagem única era a imagem do companheiro. Tudo era graça, euforia. Uma felicidade prometida para compensar o pouco momento diário que

passavam um ao lado do outro.

Neles, anichada, a essência do contentamento. Mesmo depois que ela se levantou, no de sempre “*tenho que ir*” uniu um “*até breve*”, e partiu.

Nunca voltaram. Para quem assistiu ficaram apenas as lembranças de um jovem que todas as tardes sentava no mesmo banco, caminhava e falava sozinho, gesticulava, voltava o rosto para o lado e sorria como quem tivesse uma pessoa ao lado.

GRINCO IACÓ

Apareceu por ali, pequena cidade do interior mineiro, um mascate cuja origem nem ele conseguia explicar ao certo. Dizia ser de um longe e que seus ancestrais foram marcados pelo teísmo. Nas tentativas de esclarecer e de tanto pronunciar Iaacov, não tardou ser cognominado. Por Gringo Iacó ficou conhecido, chamado.

Passava de casa em casa oferecendo produtos contidos em uma lista enorme, registrava os pedidos na memória, honrava as entregas, pontuais desde que não pagas antecipadamente, mas que, no mais dia menos dia, era sempre cumprido o apalavrado.

Entre os fregueses estava um fazendeiro que morava em um dos poucos casarões de abastança concentrados no largo principal da cidade. Todas as vezes que Iacó por lá aparecia, as reverências eram certas. Expressava sua cordialidade levantando o chapéu preto com a mão direita e, com a mão esquerda às costas, largava o “bom dia Sr. Tonho Fila” e, dobrando um pouco mais o dorso e abaixando ainda mais o chapéu, cumprimentava em seguida a filha única com o mes-

mo entoado “bom dia senhorita Tonha Fila”.

Assim eram chamados porque o pai, jeitoso até na sombra, mas das algibeiras vazia nos conhecimentos, sem saber bem o significado do próprio nome, no entusiasmo de ver a pequerrucha do primeiro rebento, batizou-a com a graça de Antônia Filarmônica, extraída de seu Antônio Filarmônico.

Além do nome, Tonha trazia do pai a aparência do porte mediano, cabelos negros, boca larga, olhos castanhos muito claros e nariz bem formado. Apresentava-se, num todo, mais debruçada para o lado do bonito de que para o do razoável. Na verdade, pode-se dizer bem aquinhoada na distribuição de dotes durante a feitura.

Pelo tratamento respeitoso que o Gringo dela recebia, não poderia ele pôr no pensamento o fato de que ali moravam, transbordados alguns, brejeiros apreciamentos, imorígeros segredos.

No continuado das vendas de botinas de sola, chapéus em palha de carnaúba, navalhas, tecidos, água de cheiro, saboneteiras e sabonetes, entre tantos, Iacó não esperou no remanso sua vez para a sorte lhe abrir caminho. De supetão, cortou fila, escolheu um destino e correu atrás da ventura ao saber que o Tonho abotou o paletó ao cabo dos entristecidos dois anos remóidos pela passagem da esposa, deixando órfã Tonha, então abonada pela herança distribuída entre pastos e lavouras nos barrancos do rio Quebra Anzol.

Não perdeu tempo. Nas constantes visitas à en-

lutada, as palavras de condolência foram dando espaço às segundas intenções em um sotaque arrastado que ela passou a escutar nos repetidos “meu princesa” “você é o moça mais bonita do cidade”.

Emprenhada pelos ouvidos, coçando sempre pelos elogios, Tonha jogou todas as suas confidências num embornal, pousou de invicta, achou que estava na hora de dar um basta nos descompromissados ensaios, deixou ser levada ao altar.

Agradecendo as boas horas, Iacó abandonou as andanças, os mostruários, e embrenhou-se na administração do que em nome de Tonha foi passado em registro. Arrojado nas transações, da mesma forma que enchia o ventre da esposa todos os anos, também entupia os bolsos, transformando o casal, por motivos diferentes, em sorridentes esbanjadores de felicidade.

Como no ditado, o lobo perde os dentes, porém sua natureza jamais, o Gringo queria mais, queria, de tanto ouvir falar nos seus tempos de pobreza, pousar definitivamente na terra prometida, não sabendo, ele mesmo, quem teria ditado tal promessa. Para ele, o que contava, enchia seus olhos, era o *zum-zum* de que para o pós-guerra o terreno estava negociado, disponível para qualquer que se dispusesse a vestir a camisa de um retorno.

Arquitetou então um plano. Fechou a relojoaria & joalheria onde não sabia consertar relógios, vender pedras verdadeiras, e anunciou pela cidade a inovação vinda do estrangeiro, uma tal loja de departamentos que o

povo comentava entusiasmado em rodas de prosas.

Na inauguração, a população ficou admirada por nunca ter visto tanto sortimento em um só lugar. Os fuxiqueiros de plantão, sem nunca ter arredado pé do torrão natal, afirmavam que aquilo era maior que qualquer secos & molhados da capital.

Para os produtos menores, calças, camisas, sapatos, Iacó ao vender, com a desculpa de fazer um bonito presente, arrumava sempre uma forma de reter as caixas vazias, na esperteza de exibir sempre cheias e vistosas todas as prateleiras.

Na venda dos produtos mais caros, rádios, relógios, telefones, outros sonhos de consumo, na falta de créditos oficiais à época, ele articulou um plano facilitador, simples e eficiente no seu modo de explicar que incluía no final do discurso “é dando que se recebe”, neste caso, a confiança, como gostava de deixar bem claro.

Tal plano consistia no estabelecimento dividir a compra em doze vezes e, dentro da tal confiança, receberia as seis primeiras parcelas. Transcorrido este período, a loja entregaria o bem e o cliente continuaria pagando as parcelas restantes, mas já usufruindo do produto. Negócio bom para todos, exclamava Iacó, deixando a euforia tomar conta a ponto de fazer fila na porta da loja.

Em alguns meses Gringo vendeu todo o estoque de miudezas e não pagou fornecedores. As caixas continuavam lá, empilhadas, vazias, cumprindo o papel de enganar. No visual, o estoque empanturrado. No

miolo, o inexistente.

Das vendas parceladas, com entrega dentro de prazo pactuado, roeu corda em todas, deixou centenas a ver canoas, já que a maioria não conhecia o mar nem grandes rios que coubesse um navio do tamanho do calote aplicado.

Porém, antes de rebentar o primeiro grande escândalo comercial do lugar, e o de boca em boca alastrar o feito, Iacó, dentro de suas estratégias, urdia anoi-tecer e não amanhecer na cidade. Aconteceu. Passou a mão na mulher e filhos e embarcou para a terra dos sonhos. Depois de dias dentro de um transatlântico, ao avistar o cais para o desembarque, é que ficou sabendo que o tal quinhão da declaração estava em litígio, pois a potência européia vendera o que não lhe pertencia.

Sem saída, perambulou com a família, obrigado a ficar com ela onde desse, buscando sempre o ali por perto, pelas redondezas, esperando a hora certa para concretizar a imigração.

Qual nada! Desavisado, foi parar bem perto da troca de tiros. A revolta estourou, Iacó apavorou. Cada bala que escutava era um pipocar que furava seu coração pela saudade da paz que aqui deixara.

Não teve recurso. Reembarcou com os seus. Vi-rou as costas para o torrão da cobiça, voltou lamentando, soluços. A coragem da ida dera lugar a um acovardamento pelo vazio no espírito, pelo rombo nas reservas financeiras debulhadas pelos altos preços da

sobrevivência numa região em turbulência.

O Gringo Iacó, agora duplamente sem terra, nem a propalada, nem a de adoção, querendo não sofrer mais em função da ganância cravada nos poros, foi morar de favor em casa de conhecidos, nem tão longe nem tão perto da cidade que outrora o recebera como filho. Carcomido pelas desistências, ânimos derretidos, foi por estes meios ficando até o anunciado de sua morte.

No entanto, nem por isso, a população que o acolhera, recebendo em troca um trocista engano, esqueceu da figura que por um tempo ali morou. Pelo contrário, mantém viva a sua imagem. Seu apelido entrou para o dicionário popular daquela localidade. Em descontrações ou sérias zangas, sua alcunha, quando citada, pode ser sinônimo tanto de facécia como de insulto.




Fabiano A Salim, mineiro de Patrocínio, por adoção, e patense por nascimento.

Iniciou os estudos no Grupo Escolar Honorato Borges, depois o secundário no Colégio Estadual Dom Lustosa. cursou engenharia agrônoma na Universidade Federal de Viçosa, onde também fez mestrado na área de economia rural.

Baiano também. Por que não? Iniciou a carreira profissional no Sul da Bahia, passando por Una, Itabuna e Ilhéus, onde mora atualmente.

21-11-
Fab
tudo
por a
nato
na P
ficar
- 08 d
para
agru



29-11-76

Fabiano

Desejo que

tudo esteja correndo bem
por aí.

Vim sexta-feira à

noite, hoje cedo já estive lá

ficar um pouco mais tempo que

o de sempre. Fui lá com
para lá. Fui lá com
aquele meu relógio.

"Divagava sobre o que realmente
valia uma comemoração diante da
relatividade do tempo. Ficava ma-
tutando com o tempo registrado
por unidades de medidas diferen-
tes, outras essências como o
número de conquistas, de alegrias,
de dissabores, de lápides das pes-
soas com as quais convivemos."

Extraído do
conto "O Relógio"



978-85-65170-82-6



9 788565 170826